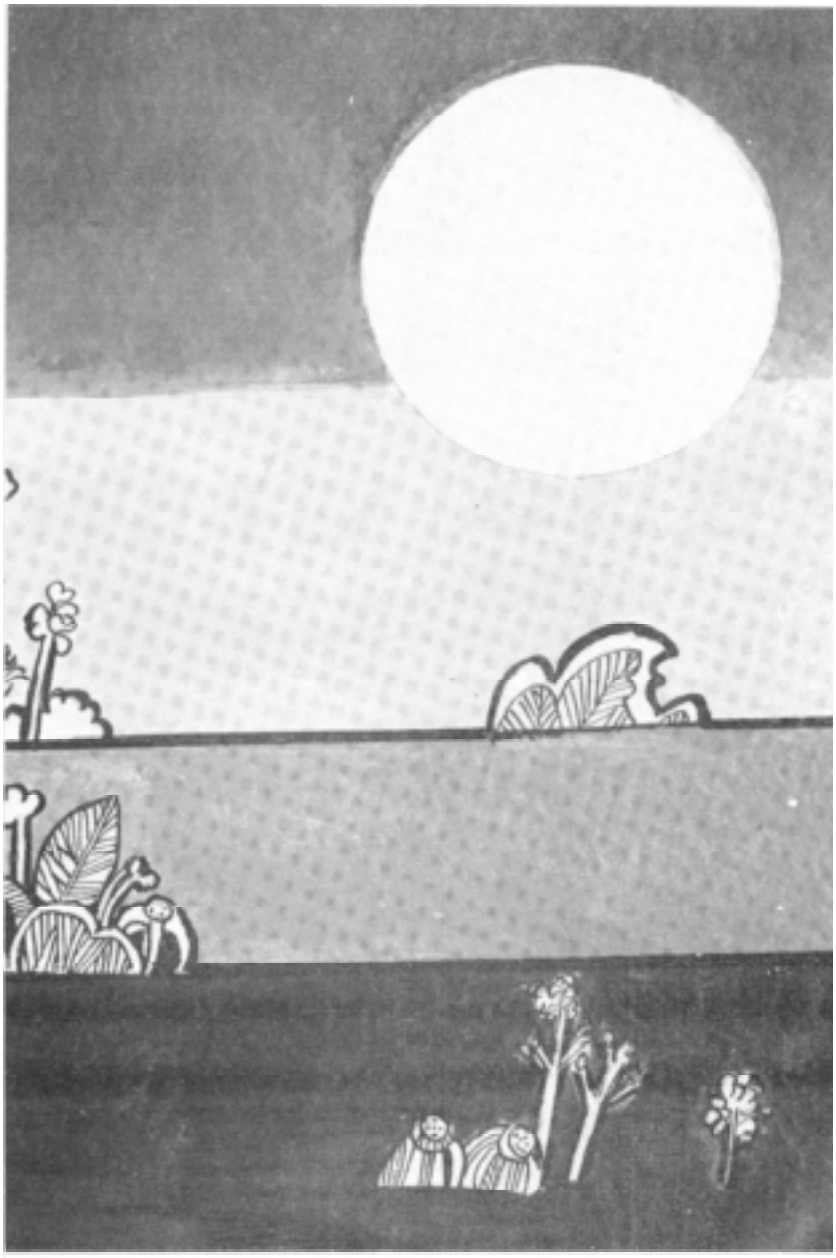
A VIUVEZ DO VERDE

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQÜENTENÁRIO
DA IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ



EDUARDO CAMPOS

A VIUVEZ DO VERDE

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO CINQÜENTENÁRIO
DA IMPRENSA OFICIAL DO CEARÁ

Fortaleza
1983

C198v Campos, Eduardo
A Viuvez do Verde; ensaio. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1983.
159p.

1. Literatura Brasileira – Ensaios. I. Título.

CDD – B 869.4

Brancas madrugadas
cor de vento e areia
pousam nos objetos.
Pálida, entre espectros,
a morte passeia
num corcel de ossadas.

FRANCISCO CARVALHO
Pastoral dos Dias Maduros

... a natureza tem imensos perdões
e reconciliações formidáveis...

EÇA DE QUEIROZ
Prosas Bárbaras

SUMÁRIO

EDUARDO CAMPOS E A ECOLOGIA 9

RECADO - E. C 13

A VÉSPERA DO DESPOJAMENTO 15

AO FLAMEJAR DO SOL 25

O PARCEIRO IMPREVISÍVEL 35

DIAS DE ABUSIVA CLARIDADE E MORMAÇO 45

PRENÚNCIOS DA RUDE JORNADA 55

A INDEFINÍVEL NATUREZA AMÁVEL 67

A PROTELADA DESERÇÃO E O SABOR DA VOLTA 75

O VERDE DESCONTURBADO 87

ANTOLOGIA POÉTICA DA SECA 93

EMENTÁRIO (AS SECAS DE 1877 E 1915
RESPECTIVAMENTE PELAS PÁGINAS DO
CEARENSE E CORREIO DO CEARA) 117

A FACE CRUEL DA SECA – ICONOGRAFIA 157

BIBLIOGRAFIA 165

EDUARDO CAMPOS E A ECOLOGIA

Braga Montenegro

O termo ecologia com atributo de ciência tem-se desenvolvido entre nós, nos dias atuais, como uma teoria de conceitos em oposição ao processo industrial vigente, em regra mal instalado, que ameaça corromper as condições de vida por que se associam os seres na sua expressão natural e orgânica, quer na ordem fitográfica, quer na ordem zoográfica e no seu condicionamento com o mundo em que se desenvolve.

Isto significa dizer-se que o sentido da palavra ecologia, na sua definição corrente, está determinado em função da consciência, súbito despertada, dos perigos que ameaçam a sobrevivência da humanidade, que terá de adotar medidas concernentes à preservação dos recursos de subsistência que a natureza nos oferece.

Da necessidade vital, do instinto de preservação, surge, assim, a contingência dialética de proteção; e tanto mais sombrios se fazem os horizontes com os flagelos que se avizinham, mais cautelosos deverão ser os propósitos de

defesa com que se neutralizam os efeitos do mal cuja dimensão é ignorada. Daí a veemência com que se alude a essa vaga teoria, por muitos ainda não bem definida na ordem dos preceitos científicos.

A substância científica, em si, e o seu campo de experimentação, não é tão recente – ela remonta aos Naturalistas e Fisiologistas do século XIX; Darwin e Haeckel a praticaram na estrutura de suas teorias transformistas, sem contudo a apelidarem com denominação alguma. Aqui mesmo, Pompeu Sobrinho, Guimarães Duque e Renato Braga a utilizaram, como fundamento de seus excelentes estudos nordestinos, sem lhe designar a ação específica.

Soriano d'Albuquerque **(A Ecologia – sua aplicação à flora e fauna brasileira,** separata do Boletim do Museu Rocha. Tip. do "Cruzeiro do Norte"; 1911), com apoio em Artur Orlando, referindo-se à associação dos seres como uma das leis da vida, ensina-nos que é na luta que os animais e os vegetais reagem contra o meio adverso e melhor se adaptam às condições do ambiente ecológico. Informa ainda que "são múltiplas as formas de associação compreensivas de cada uma destas ordens de relações: – mimetismo, parasitismo, mutualismo, comensalismo, simbiose, epifitismo". E passa a definir o papel desenvolvido pela característica de cada uma dessas categorias técnicas com um grau mais atuante de epifitismo, que é desdobrado nas subcategorias de tropofitismo, hidrofitismo e xerofitismo.

A bionomia de Haeckel define, talvez com maior propriedade, por que abrange um campo mais amplo de experiência desse fenômeno típico da dialética entre o homem e o meio em que atua nas suas relações com a natureza-ambiente; melhor, "na luta pela existência os fatores orgânicos intervêm muito mais ativamente do que os demais. Mas o lugar ocupado na ciência pelo estudo destes

fenômenos, de nenhum modo correspondente à sua alta compreensão".

Eduardo Campos, na sua lida jornalística cotidiana, sendo, ao mesmo tempo, homem de empresa e ruralista por vocação telúrica, e ainda um ficcionista – menor romancista e melhor contista, neste último caso com maior aptidão de escritor, tem por isso adquirido renome nacional com contos da categoria de "O Abutre"; "O Casamento'; "Céu Limpo"; "O Tocador de Bombo"; e essa novela de comovente conteúdo humano, a que intitulou "Como um gato sem gata'; dentre uma vasta produção do gênero, e do melhor que lá se realizou não só nesta província, senão também em toda a literatura brasileira. Sua obra de cerca de vinte títulos, abrangendo o conto, o romance, o teatro, o folclore, desde 1943, quando publicou **Águas Mortas,** não inclui a forma do ensaio, que somente agora realiza.

Trata-se de um livro originalíssimo na sua estrutura e na linguagem afeiçoada ao tema de seus cuidados mais recentes, ou sela, a ecologia. Todavia, o assunto tem sido por ele tratado em sua atividade jornalística ou em conferências de caráter acidental, à feição da hora algo trágica em que nos consumimos. Agora, num trabalho de significativa invenção, a que deu a denominação genérica de ensaio, realiza ele uma obra de imprevisível acerto formal, na qual recompõe o quadro geral das secas no Ceará, estabelecendo um novo ângulo pelo qual vê o problema.

Com o poder de sua opulenta versatilidade, concilia a história, a sociologia, a economia e a geopolítica em que o sertanejo se identifica com o flagelo. Esse flagelo que é holocausto e glória de um povo e que encontra, no seu infortúnio, as causas da força que se renova sempre como o revestimento verde da paisagem banhada com as primeiras chuvas.

Ensaio pode ser a forma literária utilizada e denominada pelo autor, todavia, nos intuitos de elaboração, o ficcionista se trai e realiza simultaneamente, nas páginas deste livro inesperado, as linhas estéticas conciliantes com a constituição de uma epopéia. Se por um lado, a prosa utilizada no texto se fundamenta na bibliografia consultada, no documento jornalístico das épocas flageladas, constante do "ementário" transcrito, temos a compensá-la o tom geral de poema de que a linguagem se reveste e o apoio lírico da "Antologia poética da seca " que ali se reúne.

O próprio título da obra: – **A viuvez do verde,** sugere propósitos de poesia.

RECADO

Dou-me a exercício de lhes mostrar a seca; quando e como se processa tão vil despojamento da natureza; a retirada sem ingratidões, tática, dos que renunciam amargurados à fidelidade da convivência telúrica; e emigram, e regressam um dia para reelaborar tudo outra vez, os verdes principalmente, a irreprimível amor pelo Ceará.

E C.

A VÉSPERA DO DESPOJAMENTO

A terra ia despojar o seu manto verde para gozar os bens em que se haviam transformado as esperanças vingadas, e havia nesse declinar de coisas como uma repousada placidez de maternidade.

Antônio Sales
Aves de Arribaçao

No limiar de junho há um quer que seja na chuva que sobrevêm de noite, à tarde ou pela madrugada. Em nenhuma parte está escrito que vai cessar de chover; e vai.

Nenhuma experiência precisou a data ou deu a hora da última chuva da estação das águas que se despede – e sabem os letrados, e a mais razão os rudes, que se está a umedecer a terra a vez derradeira.

O sol abre feroz; o vento se lhe acode presto. Os que conhecem a paisagem cearense desde a pancada do mar à intimidade longínqua dos sertões, compreendem: a predominância de dias pluviosos, a que os nordestinos chamam de inverno, deixa de ser.

Mingua. Exaure-se... Já não é.

Foi.

O homem disfarça o enfado que cultiva, por ver-se dias e meses emparedado em verdes; é grato ao tempo que lhe propiciou plantar e colher; o ter a despensa, o paiol ou armazém, apercebido de víveres.

A primeira semana de junho, alternada de chuvas e sóis, acode a todos o anseio de que se desfigure o molhado. Pensam no enxugo da terra. E no sol, bem-vindo.

Já não mais se liqüefazem as nuvens. Flamante, o sol ilumina o dia inteiro; e forte, o calor à hora do almoço.

Pelas duas da tarde, desempeçam-se os ventos, trêfegos, e se tem então de modo claro, inquestionável, a certeza de estar findo o inverno.

> "Quando chega o mês de junho,
> Chamado mês de São João,
> Solta-se uma ventania,
> Zoa a serra e o boqueirão,
> Seca a terra, muda o ar,
> Do brejo até o sertão."[1]

Todo o verdor exibível nas árvores, em gramíneas e leguminosas sumarentas, mas de fôlego curto, vai-se mimetizando, tomando ao sol as tantas cores que esbraseiam a natureza.

Verão do Ceará.

Enxugo de terra que pode tornar-se o vestíbulo de grande estiagem, que nunca se sabe quando a seca acontece.

Mas se dá de haver, como nunca, cheiro de vida, de bicho e curral; e de tetas salivadas pela bezerrada sadia ao viço rapado à terra, de pastejo inda farto. E leite, é coalhada, é queijo. A computação ancestral, encastelada nos mourões das porteiras, alerta a imaginação; dimensiona os rebanhos; vacas por apartar, bois de açougue, animais novos à espera de ferro...

Alegram-se os alpendres. O sertanejo paga dívidas e visitas.

Quem comprou na folha. quer saber o que realmente vai colher. O algodão, agora que o feijão foi catado e o milho quebrado, espera hora de ser colhido, anuncia os

---

[1] Rodrigues de Carvalho. Cancioneiro do Norte. 3. ed. (comemorativa do centenário de nascimento do autor). Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967, p. 265.

capulhos de sua prometida velhice...

Não mais correm vozes de mensageiros, de andarilhos vindos de cidades distantes. O longe está perto, sobre mesinha a um canto: é o rádio. Não lhe ouvem pela música, mas pelo narrar de atos de entidade poderosa e misteriosa para o sertão: o Governo.

Cantadores relembram sucedidos e sucessos. E tangem as cordas da viola e as do coração alegre.

Era uma vez... quantas estórias! A oralidade cumpre irrenunciante didática. E a participação dos que se foram, mas ficaram atuantes num mundo de estrelas e satélites.

Entranha-se de mugidos o sertão; envolvência de bois matreiros como o novilho do Quixelô:

> "Foi caso que aconteceu
> Pras bandas do Quixelô,
> Um bezerro que nasceu,
> Que o povo se admirou.
> Ele nasceu de manhã,
> Ao meio-dia se assinou
> E, às cinco horas da tarde,
> Com cinco touros brigou!"

E no entanto, o verdacho estremece; vacila. De junho por diante não se sustenta – desvive.

Tem-se por esse mês as comemorações de Santo Antônio, São João e São Pedro. Nem dezembro, com o Natal de "canção de berço", ao falar do poeta, e presépio, suplanta a importância dos festejados de junho.

Dá-se então de haver farta a mesa, sustância. E canjica, é pamonha, é espiga assada na brasa da fogueira.

Ao alvoroço dos que confraternizam, ou consultam o destino no fazimento de práticas supersticiosas, ou cedem

o direito de compadrio a amigos, a preocupação de perscrutar e saber como será o próximo ano – se de águas fartas ou choradas – acode.

Sinais intranqüilizam à chegada de julho: a timbaúba, desflorescida, despe-se de vez. E mal, como não parece bom angúrio, nascida da terra antes enxarcada, a beldroega vicejar suas delicadas florzinhas carminzadas, amarelas ou brancas. Cajueiros enfloram – é quanto agrava. O sabiazal caduca. O pau-branco desbota-se, amarelando folhas, estalando-as.

À fresca descida dos altos para os corredores de baixios, coroas de rio, onde prevalecem teimosas árvores, umarizeiras preludiam o seu florescer. Aviso providencial. Certo, dai a meses, refazerem-se de frutos que se afogarão aos empoçados de dezembro ou janeiro.

Alguém falou em dezembro?

Faz tempo, já se perdeu na memória dos que não sabem mais compreender o mundo; rios corriam a partir de novembro, o Salgado a exemplo...

Julho vê paióis fartos; mulheres e gatas pegando cria, e até a isso há o anúncio de chuvas para o ano porvindouro.

Cantadores, aos sábados, alegram os terreiros. Onde não se dança, à beira das estradas, fere-se o duelo de repentistas.

Tempo de louvação, de consentida liberalidade, a um relembrar de estórias acontecidas, de camaradas valentes, de vaqueiros destemidos, de sertanejos leais. Contar, também cantar, de facécias: coisas engraçadas, casos que nunca aconteceram, e que todos os dão por havidos.

Mas seca, boca não fala. Cala.

Agosto esvai-se, o ano penetra setembro. O céu, antes limpo, tem nuvens que encobrem o sol. Com ser o mês de expectativas, amadurece a cada momento a certeza de que logo choverá, desabrasando.

A um repente, numa madrugada qualquer, chove.

Acontece por duas, três ou mais horas seguidas, a ponto de fazer água. Não raro um ou outro córrego enfarta-se, até correr, indo sulcar o caminho que suas enchentes memorizaram.

Rezingam pessimistas: "assim se perde o algodão!"

E a natureza manda a todos um novo alento...

Milhares de plantinhas inominadas eriçam-se à morna fecundidade umífera; alteiam-se à tentativa de drapejar folhinhas – e só algumas despertam no verderol redivivo do agoniado verão – que, logo flamifervente sol, lhes dardeja a vã pretensão de renascerem teimosa mente antes do tempo.

Agora o homem se precata.

Dá olhos e ouvidos ao derredor da paisagem.

Espreita.

Escruta.

Vê o João-de-barro erguer o seu casebre tosco; repara o caminho traçado por formigas-de-roça; analisa a voracidade delas, se não esconde o desejo de armazenarem para o inverno molhador, que esperam.

Periquitos desatam alaridos. Não aconselha bem. Tamanha algazarra prenuncia um sertão a dias de solidão e sofrer.

Abelhas vão às cacimbas[2] dessedentar-se; bom augúrio para o tempo ansiosamente aguardado. Angicos rezinam. O cajueiro não sustentou o enflorado, e não terá sido à conta da claridade intensa de relâmpagos pelos idos de maio.

Vai-se explicar então porque as coisas começam a arruinar.

E tempo dos B-R-O-BRO;

OUTUBRO...

NOVEMBRO...

DEZEMBRO...

---

[2] Jota Magalhães. **Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1963, p. 28.

Quem quer que deseje comer **verde** – colhido a roçados – terá de atentar para a natureza, vigiar o vento, cuidar de brocar, encoivarar, aceirar, queimar o mato. E não esquecer a ciência aprendida a antepassados, a livros recitados a cantadores.

O final do ano cobra conta especial, e balanço. "Quantos cercados ainda de contentar gado? Tem água na manga grande? E na cacimba do rio?".

– "No choradô", secando cada vez mais...

As miunças estão soltas. Nem mais se prende á corda a "comadre", cabra de aleitar.

E O INVERNO?

Imperioso partilhar receios, saber quem conhece melhor os segredos da natureza.

O livro do profeta João Ferreira ensina que nos outubros, esfriando de manhãzinha, é tardio o molhado, grande a carestia...

Contam-se mais avisos: "o bicho tatu está produzindo muito este mês. E sinal de ano seco, mofino d'água."

Quem duvida? Em junho não choveu que desse para apagar as fogueiras de São João.

E O INVERNO?

Penetram todos a dezembro rádio deu: choveu no Piauí. Quer escolher semente, plantar..."

> "Se pega a chuva em janeiro,
> Faz o povo a plantação;
> Em fevereiro e em março
> Quatro ou cinco limpas dão;
> De vinte de abril em diante,
> Já comem milho e feijao." [3]

[3] Luís da Câmara Cascudo. **Vaqueiros e cantadores.** Porto Alegre, Editora Globo, 1939, p. 248.

Há calor. Ferve o caldeirão da caatinga – oitavo dia de dezembro está perto. Se nele chove – afiançam – tem fartura o ano entrante.

Alvoroçam-se os mais crédulos. Ninguém diz:

"E A SECA?"

Não deu hora de aceitar o infortúnio. Referem alguns a episódios assistidos, um relembrar sem pressa de anos malsucedidos, sem nenhum aguaceiro, e tudo adquire tons do que deixou de existir.

Formaliza-se a crença de que mudaram os tempos. Não mais perecem flagelados ao longo dos caminhos; pais não vendem mais os filhos, nem se desgarram das esposas.

Estiagens como a dos dois 77, ou do 1 5, que mais terão feito vítimas, firmam relembranças desagradáveis.

Não sobrevirão, imagina-se.

E, por mais empenho de imaginação, não é do inverno que cobram noticias, mas da quadra vexatória, excisante, de vicissitudes amargas.

SECA, boca não diz. A maldita é mantida interdita, como não se falam os vocábulos morte e anjinho diante de quem vai abrindo os olhos ao mundo.

No entanto, expectante e cruel, quem se intromete aos receios de cada um dos simples que são a gente sertaneja, habitantes de mundo que lhes confere mais dias de asperidade do que de bonança – é ela; inquilina indesejada a quem devem cerrar a porta.

Tal qual bicho selvagem, hostil, cumpre não encontrá-la; Tinhosa, percorre os pastos, tocaia criações, ronda mordente a apriscos indefesos.

Desde junho, dela e não da outra, a mão misteriosa que veio enxugando a terra e fez escorrer córregos e rios até minguar, e atiçou o sol, a esbrasear, a beber inda mais

ávido as aguadas, incendiando os pastos. Boca escalavrada, baforenta, assoprante de ventos machos-fêmeas, instados a desfolhar o mato, a desrelvar o chão, a desviar pressentidas e não acontecidas nuvens.

Impiedoso olho de jetatura, solerte, que definha tudo o de guardado viço.

Como se tanto tropeçar fosse pouco, deixa entrever-se a bruxa.

Anuncia-se; diz vir.

Vem a passos; o olho esfuziante, arregalado de sóis - mão asquerosa a manejar estranha messe.

E aos mais fracos, lanhados pela fome, dar-se pérfida e generosa.

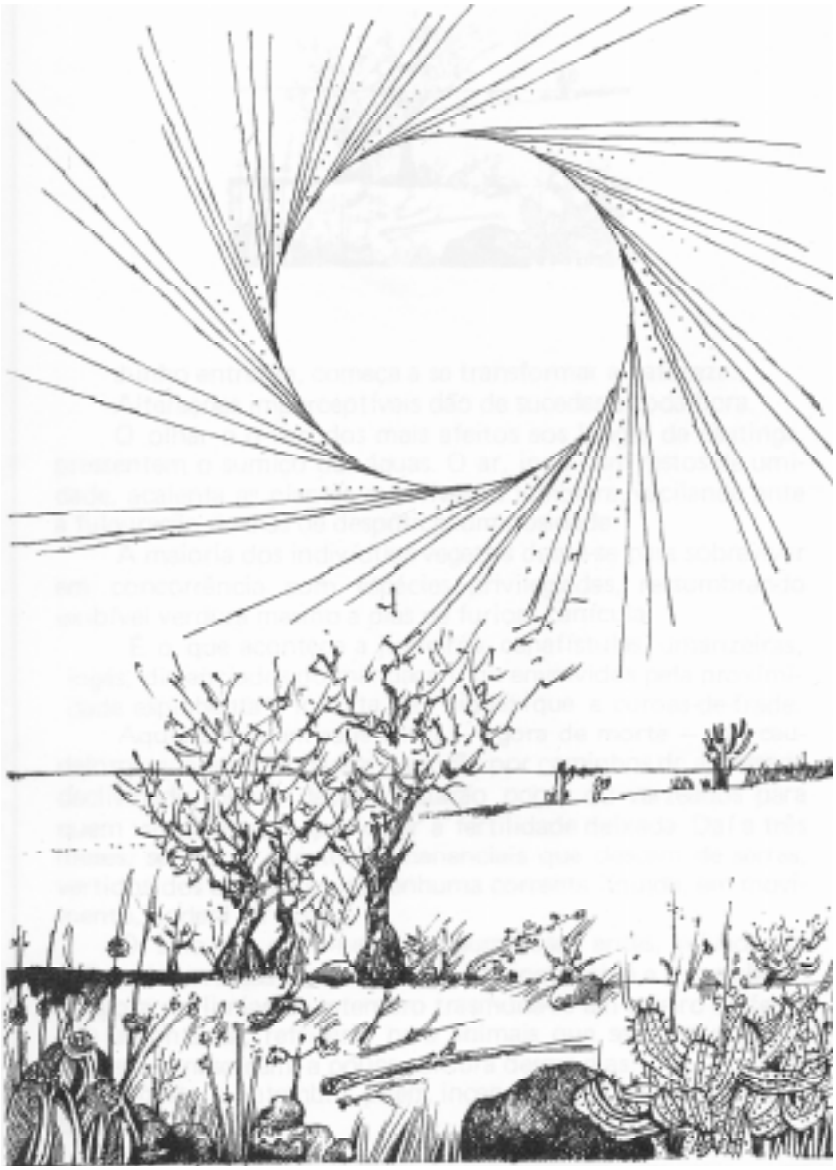
O sertão, antes vida e amor de muitos, entristece, agoniza.

E a viuvez do verde.

AO FLAMEJAR DO SOL

Mugido colossal fende os quadrantes da tarde, entre relâmpagos do estio. As vacas são fantasmas ruminantes face ao capim metálico dos rios.

Francisco Carvalho
Memorial de Orfeu



Junho entrante, começa a se transformar a natureza.

Alterações imperceptíveis dão de suceder a toda hora.

O olhar e o ver, dos mais afeitos aos longes da caatinga, pressentem o sumiço das águas. O ar, inda com restos de umidade, acalenta as plantas que vivem a lombeira, vacilando ante a fulguração de dias de despótica luminosidade.

A maioria dos indivíduos vegetais despe-se para sobreviver em concorrência com espécies privilegiadas, ressumbrando exibível verdura mesmo a dias de furiosa canícula.

É o que acontece a juazeiros, canafístulas, umarizeiras, ingás, distanciados do mandacaru ou envolvidos pela proximidade espinhenta e insólita de xiquexique e coroas-de-frade.

Aquietam-se em seus leitos – agora de morte – rios caudalosos que aprofundaram a erosão por caminhos de apressada declividade; breve, destes, restarão poços ou varzeados para quem vai plantar, a aproveitar a fertilidade deixada. Daí a três meses, se tanto, exceto os mananciais que descem de serras, vertidos dos olhos-d'água, nenhuma corrente líquida, em movimento, poderá ser vista.

O solo de gramíneas e leguminosas antes, relvado de folhas descartadas da mata de pau-branco, sabiá e

marmeleiro, já agora no limiar de setembro transmuda-se em celeiro de fenação espontânea, refrigério para animais que se acostumaram, desde que nasceram, a pouca verdura desses dias.

Agosto e setembro põem incendido o sol sobre gentes e bichos.

No entanto são agradáveis as manhas; as noites esfriam, notadamente em agosto, sob luarejos que disfarçam e amenizam os sonos da natureza ao verão vigente.

O litoral, plantado raso à beira-mar, recebe o conforto dos ventos. Pompeu Sobrinho dá-lhe temperatura média de 26 e 270 centígrados, que, para o interior acontece de ir subindo, alcançando os 300 em Jucás, a trezentos quilômetros de Fortaleza, e 310, no Crato.

O litoral desabrasa, protege o sertão.

"A ação regularizadora do Oceano" autoriza assim que não se chegue a mais de 320 em Quixeramobim, no horizontal e adusto Sertão Central, a segunda das doze regiões em que se divide a fisiografia cearense.

As serras são variantes de clima e de paisagem nesses longes de caatinga morna fadada a comburir-se, logo se lhe chegue o mais indefinido fogo, ou, a capricho de faísca disparada por pedra que, se desequilibrando, acontecer de rolar, batendo noutras.

Quando nada mais restar a homens e animais, muito depois, a se ver por diante, "os povos se retiram seja para o Cariri e outros pontos da Ibiapaba, seja para as serras de Baturité e Aratanha, seja para as praias do mar", como nos deixou anotado Manuel Antônio de Macedo, em 1871.[4]

---

[4] M.A. Macedo. **Observasons Sobre as Socas do Ceará e Meios de Aumentar o Volume das Águas nos Correntes.** Sttugart, Typographia Emil Muller, 1871, p. 66.

Sob o mais rigoroso estio, ilhas de verdume são as serras, notadamente as que o homem trabalha com cultivares de frutas. A água continua a jorrar nelas, e talvez o termo não venha a calhar, convindo dizer: pejar. É o que se dá – entornando o enxurro que desce para o plano, onde a natureza é avara, não cruel ou cruelíssima de todo ao redor das primeiras léguas.

À proporção em que o chão ganha altura, subindo as serras (como as de Aratanha e Baturité), vai rareando o sabiá; dão de escassear as caducifólias de pé-de-serra. A sipaúba, que a alguns figura o sabiá melhor altivo, engrossado e disposto, promove a transição.

Adiante, pelos altos, não são singulares as latifólias, que, para escapar, não precisam necessariamente de folhas pequenas, descartáveis ou conservadas sob economia do clima.

E se contemplará então o imponente piroá atirado ao ar; jenipapeiros, maçarandubas, cajazeiras, canafístulas, pausd'arco, paraíbas, gameleiras, camunzés, aroeiras etc.

A caatinga do sertão enfornalhado, a fogo aceso pelos dias de verão, em outubro é exercício de sacrifício para o homem do sertão centro-norte ou do sertão sudoeste, onde cabe a Canindé e Caridade, neste, e Tauá, naquele, experimentar sequidão maior.

Não tardará dezembro. Com ele, o dia consagrado a Nossa Senhora da Conceição.

A 13 do mesmo mês guardam homenagem a Santa Luzia, a de bons olhos, a dar aos homens o privilégio de enxergar o inverno. Estão pelas experiências feitas à véspera desse dia, à boca da noite, a dispor seis pedrinhas de sal sob o sereno, figurando cada uma os meses de janeiro a junho, a ver qual delas toma água e, por tal indício, anuncia o mês mais aqüífero.

Daí por diante, inspiram-se ao ritualismo místico. Principia por acender-se no homem, que não sabe como esperar o inverno ao longo dos dias que vive, o desejo de falar com Deus e seus santos, ou com os mistérios manobrados por quem, merecendo dominar dos céus, não mais pertence ao terrestre aturdido.

Vai-se à igreja para a missa-do-galo. A maioria dos fiéis demora fora a vigiar o infinito apoderado de escuros. Alguém, olhando e vendo o nascente, terá a impressão de descobrir clarões. "Relâmpagos?" – querem saber, esquecidos de que bumba-meu-boi dançará e as alunas do grupo escolar seguirão as mestras dos cordões azul e encarnado, do pastoril.

"Podia-se fazer uma procissão..."

À lembrança de cada um salta o passado a aviventar episódios de mudança do padroeiro de um lugar para outro, ao ardil chantageante da fé. A imagem é retida por noites e dias até que, constrangido a tanto, o santo se decida pagar com chuva do seu resgate para tornar ao nicho da igreja, de onde o foram tirar.

Impreciso o tempo. Se chove, não o sabe nem a gente do sertão nem o governo.

A administração pública, de sobre-rolda, quer-se alertada às alternâncias do fim de ano; dá-se a novos estudos de previsão meteorológica, confere a temperatura ambiente e posição dos ventos. Confronta as manchas solares desse e de outros anos.

Livros esclarecem mas não aliviam a sujeição do homem ao meio. Bichos e plantas no entanto continuam a contribuir com os melhores sinais de esperança ou decepção. À natureza vai-se revelando nas mínimas coisas. Urubus **cantam. E** mal. Jumentos começam a suar nas pudentes partes. E bom.

Formam-se nuvens. Sob o sol esfuzilante plantam-se torreões ao sul. Rádio, televisão, e mais vagarosamente o jornal, trazem a informação de que "aviões da chuva" vão sobrevoar o sertão em exercício de nucleação artificial, á tentativa de abortar as primeiras chuvas.

O sertão clama por água.

Francisco Freire Alemão, em 1861; escreveu: "Enquanto os homens na sua imprevidência olharem só o céu, esperando tudo da misericórdia divina, esses desastres (as secas) se hão de repetir, mais ou menos intensos. Baixem os olhos para a terra, cubram o Pais de um sistema de represas, facilitem o movimento de gêneros por meio de boas estradas, que Deus abençoará a sua obra. Então o Ceará, gozando de um clima saudável, e de um terreno fecundo, habitado por um povo vigoroso e inteligente, entrará em competência com as suas florescentes irmãs."[5]

Tem-se mais, atualmente; as aves metálicas entram o mês de janeiro acometendo os céus, pastorando nuvens prenhes, que tresmalham.

A água, represou-a o Governo. Mas o amor do sertanejo sucumbido ao confronto com estiagens, extraordinário gerador de filhos, faz enorme o contingente dos que, faltando o inverno, intranqüilizam o poder público. E transborda. Não forma multidões revoltadas, contestadores indóceis; ou que se valham da discrepância climática para lembrar, a quem os administra mal, que continuam dependentes não apenas das forças de seu ecossistema indomável até agora, mas principalmente daqueles.

A fome vem pelos caminhos do que não se pôde fazer. O que existia antes para ser deglutido, o foi. Emparelhan-

---

[5] Francisco Freire Alemão, citado in Renato Braga. **História da Comissão Científica de exploração.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 286.

do o verde em progressiva extinção, enfia-se o pasto, evaporam-se os frescos, some-se o boi. Atrás de seu emagrecimento tétrico consome-se também o homem. Pode-se referir que todo o enorme corpo físico do Ceará. esvai-se. Falece a terra, sucumbe tudo o que porventura estiver nela, assente.

Num átimo, sem anunciar, a cada instante sobem aos céus, rodopiando, folhas e gravetos, e ciscos. São redemoinhos, a pé ligeiro, varrendo os terreiros, o chão desnudo, exposto ao duro flamejar do sol.

O sermonista dos novos tempos, o rádio, insiste que muita coisa mudou. Repete a didática dos documentos oficiais. E de fato há mais cuidados a uma repetitiva quão inócua preocupação. Fizeram-se açudes, abriram-se canais de irrigação, que tardavam.

Como cães à procura de caça, aviões prosseguem pelos campos de Deus em busca de chuva. E é a **outra** que vem surpreender a todos novamente.

Concedente nas suas agruras, acostumou o cearense a enrijecer ao longo de verões de seis meses, que, muita vez, são o antecomeço, o prelúdio de seus dias de infortúnio coletivo.

A maioria não se quer submetido à idéia de que a seca escreve a mais dolo rosadas cartas, a dizer que vem.

Eversiva, cruel, avassaladora, afinal põe-se à vista.

O PARCEIRO IMPREVISÍVEL

Não há música mais harmoniosa para o ouvido cearense do que a da chuva tamborilando nos telhados.

Rodolfo Teófilo
O Paroara

Ainda não se apagaram de todo os sons dos que saíram à rua na folia peditório de Reis, bando álacre – que a muitos pareceu sacrilégio face à improbabilidade de haver inverno, e chove.

O tempo desmudou-se. Escorre a água pelos passeios, na capital. Àquele dia, ou ao outro, se lerá aos jornais a informação ansiosamente aguardada de que teve início a quadra pluviosa.

Vem repetir-se, sem tardança, o procedimento tradicional no noticiário à empolgação de dias como esse.

Não demoram telegramas; não raro o testemunho de viajante que se moveu à noite inteira sob forte aguaceiro; telefonema, de Crato ou Sobral, dizendo que choveu, estando o céu bastante promissor; ou palavra alvissareira, de Teresina, no Piauí, onde o inverno começou molhando grande área do Estado até então enxuto. E a esse entrelaçamento de avisos, despachados de vários pontos, vai juntar-se a ciência doméstica de cada um, de algum profeta de chuva, a confirmar declarado o inverno, enquanto a autoridade administrativa, geralmente o Secretário de Agricultura, reafirmar a jornais que há sementes selecionadas, e outro tanto disponível para quem desejar aproveitar a umidade.

Não se imagina terem ocorrido simples precipitações pluviáteis, ocasionais, sem tendência a se generalizarem por sobre áreas carentes, distantes.0

Pelos dias seguintes o noticiário da capital estará nutrido de novos comunicados e testemunhos; circunstanciados uns, desnecessários outros. Alguns, pedantes, registrando de modo chistoso, simplório, as chuvas do lugar:

"AQUI, ONTEM, TODA NOITE, DUAS GROSSAS E UMA FINA"

Importante: chove na capital e no interior, conquanto os mais crédulos, não aceitando a semana de pluviosidade irregular em janeiro, por sinal convincente, sublinham suas dúvidas tendo as chuvas por provocadas, artificiais.

A tangenciar as mesmas emoções, caracterizadamente regionais, de entusiasmo ante o imponderável, pelo que simplesmente parece ser – e nem sempre é, os manipuladores da meteorologia oficial jogam a fortuna dos nossos dias tentando ler as fotos do Satélite artificial, a traduzirem previsões de chuvas que agora se inspiram caprichosamente às frentes frias.

Alguns episódios, desentranhados do folclore ou da Sociologia sertaneja, não sucedem como antes. A descida do rio, na primeira enchente, não se houve sob os limites do entusiasmo de quantos, anos atrás, podiam vê-la – e desfrutá-la – conforme anotou Gustavo Barroso em **Terra de Sol.**

"Chove um dia inteiro; às vezes chove sem intermitência dois, três e mais. Ouve-se ao longe um marulho gigantesco, um ulular de ressaca, um rugir, um como escachoar de imensa roda de água, que se vai aproximando rapidamente. Todo mundo corre para os cerros próxi-

mos ao listão de areia do rio seco. Os animais abandonam as várzeas que o margeiam. E o rio que desce!

Lá vem a água a roncar, sertão abaixo. Na frente, na cabeça acachoada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarreiram de encontro às pedras do leito, ribanceira a se diminuírem sustidas por entretecimentos de raízes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cercas, longos paus de bebedouro, cadáveres de animais: tudo entre grossos flocos de espuma suja, borbulhas barrentas, ondas, cachões, redemoinhos torvelinhando de encontro a balseiros enormes que param instantes, resistindo à correnteza; correndo numa velocidade espantosa...

Numa ou outra região as águas abundantes fizeram o rio regougar pelo seu leito, antes exaurido, até se dar à corrida, rumoroso, culminando por libertar-se das barreiras, e avançar sobre várzeas, a afogar cercas, espavorir bichos, refugando entre a galharia de ingás e canafístulas maltratados à passagem.

Terá sucedido sem maior curiosidade ou entusiasmo, desprovida a cheia da atração inusitada de outras eras, ao arrebatar o sertão quando não existiam por lá tantos açudes, e banho de rio, aliviado o despotismo das águas, era entretenimento usufruído com insofrível contentamento.

O grande anfiteatro, onde se vão ferir os que vivem anos de chuvas torrenciais ou de irresgatável sequidão, mudou pouco quanto aos limites de sua fisiografia e caprichos de seus recursos hídricos; ainda, de sua vestimenta florística, exceção feita ao depauperamento de áreas rudemente injuriadas pelos modernos fazedores de desertos.

"Todas as terras dentro dessa ferradura saio terras do sertão. Em que pese a um certo ar de verdor na fímbria litorânea, misturado ao branco das areias do mar, com seus coqueiros, mangueiras e cajueiros.

O Ceará é sertão, de ponta a ponta, de norte a sul, de leste a oeste. Nada mais que sertão, apesar da praia, apesar das serras, nos seus cocorutos" – diz Nertan Macedo.[6]

Os personagens desse imenso cenário férreo e rude, belo e desafiante, alternados a momentos de drama e ventura, além de virem-se despindo de sua cearensidade – no que a qualificação possa ter de ambiciosa e menos ambígua em termos sociológicos e folclóricos –, perdem a identidade incivilizada de ano para ano, como se desfazem também da natureza que os cerca.

A própria divisão fisiográfica do Ceará induz-nos a ver que o sertão não é um só, são muitos, diferenciados não apenas pelo zoneamento que lhes consagra esta ou aquela qualificação, mas por outros fatores que os desconfrontam, a exemplo, as zonas dos chamados bolsões religiosos (Canindé e Juazeiro do Norte), definidores de comportamento místico medievo, ou de vasta e adusta área de nítida vocação vacum, os Inhamuns, que principiam nos longes de Tauá.

Há atitudes e práticas religiosas que cumprem rituais de causar admiração.

Aos dias vinte de cada mês, em Juazeiro do Norte, é vigente ainda parcela de sua comunidade vestir-se de trajes pretos "como promessa por graças alcançadas. Professoras e operários aderem ao costume e, na fábrica de cerâmica de Barbalha, calcula-se que 10% do seu operariado o faz, com toda a fé e respeito, com especialidade o do sexo feminino (chega a 60%)".[7]

---

[6] Nertan Macedo. **O clã dos Inhamunns.** Fortaleza, Editora Comédia Cearense, 1965, p. 20.

[7] SUDEC. A unidade Espacial de Planejamento do Cariri. Fortaleza, 1972, p. 52.

No entanto, cenas que marcavam a existência do sertão, – festas populares de cumprimento tradicional; episódios e acidentes da vida do campo – não mais sucedem com habitualidade. Às vezes, saio singulares.

Não se dá mais o estouro de boiada.

Animais disparam, mas só na descrição inflamada de Euclides da Cunha, em que a estropeada percute na terra, em surpreendente interversão.

"De súbito, porém, ondula um frêmito sulcando, num estremação repentino, aqueles centenares de dorso luzidios. Há uma parada instantânea. Entreabatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo, e a boiada estoura..."

Mas hoje a boiada não arranca.

Prevalecendo procedimentos novos de adaptação ao meio ambiente, ao criatório valorizado, com o solo mantido sob presumível controle, departamentalizado por cercas que garantem a soberania da propriedade e a divisão do pastejo, a rigor o gado se civiliza; vira curraleiro, torna-se obediente.

A migração de rebanhos é ordenada. Há estradas a atravessar. Caminhos não mais são ínvios. O guia da boiada, vaqueiro expedito, é semáforo ambulante. Na ponta da vara faz exibir trapos vermelhos que abrem caminho, interrompem o fluxo de veículos nas rodovias.

Assim, o grande anfiteatro que assiste às manifestações de encompridados verões e breves invernos, ou rupturas climáticas que num e noutro período podem suceder, a agravar, mantém os mesmos contornos de seu balizamento geológico. Mas outros fatores já agora passam a interferir, alterando hábitos e costumes. O mundo fez-se mais perto do sertão. Deu-lhe ajuda maior de recursos para a defesa

do homem. Têm-se, hoje, chuvas artificiais; e molhamento do solo por extensa rede de açudes. A irrigação, nos perímetros do DNOCS, atualiza nova forma de agricultar, garantida pela água estocada por invernos copiosos.

Em compensação o universo dos desamparados, dos que sofrem, cresce.

O suprimento destes vai exigir mobilização de providências agressivas, imediata locação de recursos, não mais sucedido como na seca do 15, quando em agosto, desencadeada, agonizava o povo sem estar acudido com as verbas que, não obstante aprovadas, transitavam ainda das câmaras para os escritórios ministeriais, obstando o cumprimento de seus propósitos.

A abertura de frentes de trabalho, engendradas á improvisação, é prática antiga, institucionalizada na seca de 1900, mas iniciada, possivelmente, na de 1877. Contornados os seus defeitos – comprometidos pelo sistema de fornecimentos denominados barracões – prossegue hoje como prática assistencial a que os governos não podem fugir totalmente.

No maciço dos socorros predominam os que se erguem nos campos de concentração (equivocamente chamados de canteiros de obras), onde se vão reunir quantos emigram dentro de seu próprio território.

Edifica-se; abrem-se estradas, seguindo o modelo de outros anos de crise, infelizmente inconclusas, à espera de próxima calamidade para se completarem.

Constrói-se o improvisado, geralmente obras inconseqüentes para que a multidão flagelada não se sinta sob o trato de esmolas.

Vem 1979; chega 1980, e outra vez há os perplexos não entendendo possa existir miséria e fome em terra onde a paisagem está nutrida de verdes e há nuvens desfundadas, vertendo água.

Mas a megera afia caprichos; tece, retece gumes de insensibilidade metálica; e ainda assim sabe como afagar, conquanto para castigar depois; estimula as plantas a um crescer selvoso que, estiolado, minguará depois.

Choveu.

Todas essas idéias, pelo menos por alguns dias, são despiciendas.

O Governo possui mais sementes; oferta-as.

Após outubro, quando o chão recebeu em algumas regiões as chuvas da rama, é a segunda vez que se torna humente.

Em oito meses não terá caído mais do que cem milímetros sobre grandes extensões do cálido e ressequido sertão.

Agora, o homem está animado. Vale-se da sua enxada. Dispõe-se a cultivar. Todo o seu patrimônio se resume àquela lâmina de rapar o chão de seixos miúdos; nas horas que consumiu para brocar, aceirar e queimar o mato, em pretendido roçado; nas sementes, tanto as que guardou como as que lhe doou a autoridade.

Sem saber, principia a jogar com parceiro imprevisível.

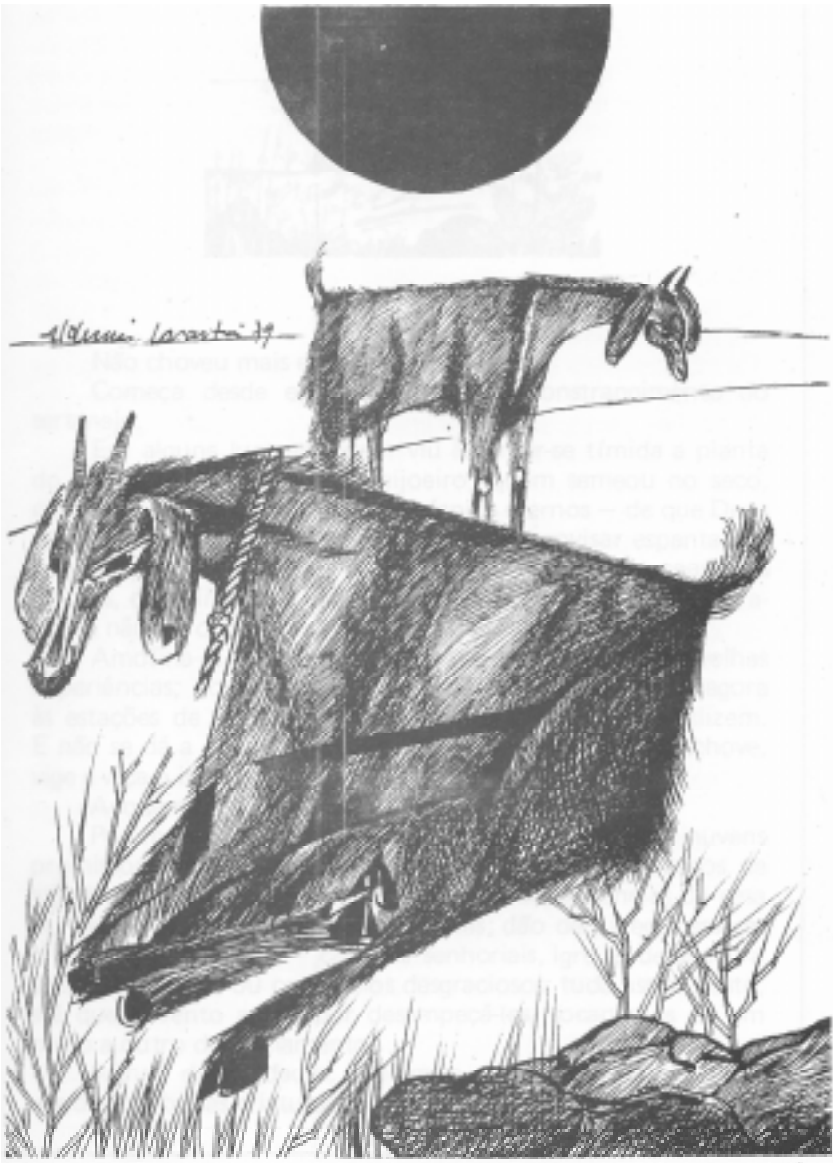
Dá-se partida de paciência. Não há regras. Procedimento valioso ontem, não mais prevalece hoje.

O que decide mais nessa hora – o céu – mantém-se suspenso, e imperturbável, sobre a dolorida apreensão dos homens.

DIAS DE ABUSIVA CLARIDADE E MORMAÇO

Quem sabe agora quando chega o inverno?
Quem sabe se vem cedo ou se vem tarde?
Dezenove de março é já da História:
São José, se tem glória, não tem força.

JÁDER DE CARVALHO
Temas Eternos



Não choveu mais em janeiro.

Começa desde então a aflição, o constrangimento do sertanejo.

Em alguns lugares, quem viu levantar-se tímida a planta do milho, pôr-se viçoso o feijoeiro; quem semeou no seco, confiando acima de tudo nos desígnios eternos – de que Deus tarda mas não falta; quem até pensou improvisar espantalhos para manter distantes os periquitos famélicos, os papaarrozes ladinos, experimenta a cruel incerteza quanto aos dias esperados, a não ser que a quadra invernosa se efetive.

Amofina-se o homem. Revê o ementário de suas velhas experiências; confia a vizinhos seus receios, submisso agora às estações de rádio, à espera de noticias que o tranqüilizem. E não se dá a esperada informação, e desejada, de que chove, vige e viça o inverno.

Acodem dias de abusiva claridade e mormaço.

Por momentos, a impressão é de que se adensam nuvens promissoras. E de verdade estão lá, rechonchudas, sacos de algodão empilhados desidiosamente nas dependências da casa de Deus. Assumem formas esquisitas; dão de parecer assombrações inenarráveis: – castelos senhoriais, igrejas de gravura antiga, enormes, ou cogume-

los desgraciosos, tudo assim posto, até que o vento acabe por desempeçá-las, tocando-as de um canto a outro do firmamento.

Afinal, desarredadas, evolam-se. Inclemente estala outra vez o sol sobre as criaturas.

Retrossegue o verão abrasado, e mais se não pode imaginar. Nesse ou naquele sítio chove, como se fossem todos assistir ao deflagrar de um grande inverno. E se dá até de juntar mais água a um ou outro rio; fazer crescer a das represas, onde a que se estocou evapora-se à velocidade de quase trinta centímetros por dia. Nem todas as covas de milho ou de feijão estão perdidas. Àquelas, em que não notar a menor esperança de vida, o homem fará chegar novas sementes – segunda planta, esforço derradeiro.

Parando de chover, a forma cíclica de sofrimento acontece. Ainda aí a sensação de confiança não se desvanece. O homem acredita nas forças poderosas que se firmam por trás da natureza. Insiste em ter os olhos súplices presos ao firmamento.

Conquanto promitentes os céus em alguns instantes, neste ou noutro dia do mês que passa, não mais oferecerão alterações ponderáveis. A seca, agora, é comentada com freqüência. Começam a torcer todos para não tardar as providências de ordem pública; convocação a que não se quer render a SUDENE ou a administração estadual, protelando o reconhecimento de problema que entende sobremodo difícil.

Vem fevereiro; ainda aí dão-se esparsas as chuvaradas.

E quando se imagina que o inverno, aos moldes do ano tal será bom, podendo começar a meados de março. As evidências não encorajam, no entanto. A maioria tem por certa a eclosão do estado calamitoso. Pesa a definição tradicional do mês de março, a do dia 19, que se consagra

a São José, padroeiro do Ceará, entidade celestial capaz de tornar realidade as chuvas. A data coincide com a proximidade dos dias em que se dá a passagem do equinócio, circunstância que autoriza condições capazes de modificar a situação.

Antigamente, era maior a submissão mística ao grande dia. Não se admitia o estado de calamidade pública antes de vencida essa marca de calendário, e, em mais de uma comunidade sertaneja, empreendiam-se procissões a cânticos e rogatórios, prelibando a chegada das águas.

Invernos molhadores iniciaram ou retomaram o curso interrompido aos últimos dias de março, quando, instados pelos jornais, despertos pelo clamor público, diligenciavam-se as primeiras obras de emergência.

Não raro instalar-se a seca, falhando de modo irremediável os recursos agrícolas, ficando vilas e cidades interioranas sem condições de sobrevivência. O poder concedente, manobrando a distância, nem sempre assessorado de modo conveniente, rendido ás suas funções burocráticas de rotina, questiona medidas, delonga-as em pura perda para os que, mal alimentados, dão de esmorecer.

A 21 de março de 1915, a exemplo, comemorado um dia 19 melancólico, ante a procrastinação de providências que não deviam tardar, o **Correio do Ceará** era veemente no editorial – "Para Abril?" – em que os leitores tinham a gravidade da situação e a compreensão cheia de equívocos, das autoridades:

"Pensávamos, francamente, que s.s. dissesse coisa mais diversa: que iria remediar os males do Ceará com a promoção não mais de estudos e planos – de que vem cheio seu relatório ao dr. Barbosa Gonçalves – mas de cacimbas, ao menos cacimbas, por esse interior adusto que hoje começa a ser imensa necrópole. O programa do ilustre

engenheiro é realmente maravilhoso: se não chover em abril, será um horror acima de 77!"

Entronado o flagelo, não se imagine deixarem de suceder em dias de abril ou maio chuvas torrenciais, que, infelizmente, dão de agravar a situação, indo cair sobre animais desnutridos, afogando-os em atoleiros repentinamente criados, conquanto por momentos, apressando o apodrecimento de plantas que emurcheciam mais a vagar nos roçados derrotados.

Assim, o Ceará inteiro assistiria ao pronunciamento da grande seca do 15.

Chuvas impressentidas, quando mais exacerbante ia o calor, foram cair sobre os sertões em várias regiões. Registrou-as o **Correio do** Ceará para os seus leitores em preciso editorial, a 7 de abril daquele ano: **Contraste Doloroso.**

"Após 50 dias de verão, aniquiladas as sementeiras de janeiro, ressequida a pastagem nascente, quando se tinham perdido todas as esperanças, os céus inclementes se abrandam numa cruel ironia, e despejam sobre aqueles campos adustos chuvas diluviais".

Novamente o que parecia definitivamente sucumbido, aviventa-se por toda parte, por onde escorreu a água, de nuvens que se atufaram dela, arrelvam-se os roçados, e cipós sensíveis à umidade dão de bracejar renovos, enrediços, enquanto no espírito de alguns reacende-se a impressão de que tudo correrá a aliviar a sede, a fome, de quem já assoalhado se consome. Por instantes, essa a disposição.

Logo se perceberá: "as chuvas diluviais" longe de marcarem a alteração da situação, tornando-a favorável, desfiguram as circunstâncias que envolvem o homem; atenuam por instantes o quadro desesperador em que vive, mas encompridam, por parte das autoridades, a análise do dimensionamento da crise, adiando socorros que, realmente, tardam.

Utópico e esmorecente verde dá-se em **visita da saúde a** quem, demorando perto da morte, imagina reintegrar-se na desejável existência de seu térreo mundo.

Mas daí a dias é de se ver a natureza inteira perdendo água, a pouca água que ficou retida em açudes e lagoas.

Todo o viço antes ofertado, entouceirado às margens de represas vai-se delir; escorrilha-se, muda de cor, encoscora-se em fastiento definhamento.

Não mais por ali as jaçanãs trêfegas, os paturis, as galinhas d'água...

Tempo guloso voltou, infrene, a sugar o liquido enclausurado que, dia após dia, veio assumindo decadentes nuanças sob o abrasado estio, passando dos tons verde-amarelos aos mais escurecidos, e terrosos, argilosa pasta que, alfim, contamina tudo, truncando o último alento da tribo aquática dos piaus, curimatãs, traíras e piabas...

O sol retrai a fio, desde então, toda a clorofila ainda disponível em cerros e escampos; – enrolam-se as folhas, chorosas; partem-se, estalam.

E, afinal, se consomem.

Somem.

PRENÚNCIOS DA RUDE JORNADA

– Eh! Chuva! Da minha banda também tou desenganado. O cristão espia pro céu, e só divulga o sinal da desgraça da seca.

Cordeiro de Andrade
Cassacos

Em dez meses, de junho de um ano a abril do que lhe sucedeu, não raro sobrevirem chuvaradas ou chuviscos apenas em setembro ou outubro. Depois que se frustrou o inverno em janeiro, declarado e reconhecido o prevalecimento da estiagem, podem desabar copiosas chuvas por dois ou mais dias – alteração discrepante da natureza, – enquanto se vão escoar os demais meses sob uma e outra quedas-d'água, ocasionais, distanciadas entre si.

Não raro acontecer de comissão de técnicos do Governo, vindo comprovar de perto os efeitos anunciados da calamidade, deparar a evidência de chuvas, o que constrange a quem registra as misérias dessa hora, acostumado mais do que os estranhos a caprichos do ecossistema vulnerado, ciente de que seca não é, na realidade, total ausência de precipitações, mas a intermitência destas em dias descompassados do ciclo vegetativo das culturas.

Pela proximidade e facilidade de informações do ano de 1915, é fácil compor praticamente todo o desenvolvimento e maturação de uma grande estiagem. Basta acompanhar, dia a dia, o noticiário de jornais como o do

Correio do Ceará, que, pressentindo não chegarem as chuvas com desejável regularidade, a partir de março armou-se de ânimo para postular do poder público providências em favor dos desamparados.

A calamidade de 1915, que passaria à História desses faustos deploráveis como a **Seca do 15,** ou simplesmente **O 15,** não traduz a realidade de todo um verão desprevenido de aguaceiros; a 7 de abril do malfadado ano ocorreriam chuvas diluviais.

E exato; em anos de ruptura climática, o situamento de plantações diligenciadas a começo do ano, às primeiras chuvas, acaba complicado a seguir pelo esmorecimento ou perda total das culturas feitas, decorridos cinqüenta ou mais dias de estio, quando, abalada a vida da comunidade, descem repentinamente chuvas fortíssimas que nada mais representarão como elemento modificador da conjuntura.

Ainda que restabelecido o inverno, é improvável obter-se a messe de plantios de subsistência praticados por pessoas desencorajadas e que já não confiam em que o tempo possa se firmar molhado.

Em verdade, mesmo na mais terrível seca, jamais deixa de chover.

As chuvas, no agudo desencadear de crises clímicas, ao findar de março, ou pelos meados de abril, não raro dão de suceder extemporâneas, e cruéis, pela esperança que fazem renascer nos que se arrimam a uma derradeira oportunidade não sucedida.

A água se desata, por esse contar, de modo inesperado mas alentador, como se tudo fosse retomar novamente a marcha das precipitações pluviáteis, truncada. E se dá então de ser tanto o aguaceiro que um outro rio aposta corrida, indo provocar o nascimento de “boa babugem” a

conferir a idéia, a muitos, de que se trata de "um princípio de inverno", e que nem tudo está perdido.[8]

Acendem-se as intenções, de tal forma revigoradas, como se a natureza por inteiro dali por diante pudesse vestir-se daquele verde permanente, de delirantes tons que aguçam sentimentos sob o clarão do sol aberto, e que apaziguam o espírito ao entardecer.

Ao enxugar-se, outra vez, o chão está mais ressequido do que antes. Nos baixios, onde a chamada terra de massapê predomina com elevado percentual de argila, principia a grelar, fazendo correr às vezes, por dois ou três metros à vista humana admirada, riscos profundos, verdadeiras cavas como se fossem respiradouros da ardência que lhe queima as entranhas.

"No interior, o sereno azul do céu, a superfície seca e gretada do solo, que se tinge de cores carregadas, a aspereza irritante das rochas nuas, a vegetação escassa das caatingas, despida e aparentemente morta, o tom cedrino dos campos, a falta de vida e movimento, o zumbido plangente do vento açoitando o esqueleto esbranquiçado das árvores, o tristíssimo e macabro esqueleto de animais mortos, – múmias ressequidas, algumas arrimadas aos troncos nus, em posição de derradeira súplica ao céu indiferente e belo; ossos que prateiam ao sol de fogo, espalhados pelos tabuleiros, atestando a derrocada da vida, e, excedendo a tudo isso, a odisséia emocionada de retirantes que tropegamente se arrastam na **via dolorosa,** nessas estradas péssimas e cobertas do pedregulho áspero e cortante do sertão.

Bandos numerosos dos acossados pelo flagelo fatal demandam os lugares, onde julgam encontrar com que mitigar a fome terrível que lhes corrói as vísceras.

---

[8] Phelippe Guerra e Theophilo Guerra. **Secas Contra a Seca.** Rio de Janeiro: Tipografia da Livraria Cruz, 1909, pp. 28 e 37.

Sem alimento, sem roupa, sem abrigo, ao sol canicular que queima tudo, pois a temperatura do chão se eleva a 60 graus, envoltos em farrapos imundos que o suor e a poeira enegrecem, os retirantes, mortos de fome, porém animados pelo instinto de conservação, lançam-se a essa jornada perigosa e rude, na qual grande número exala o último suspiro."

Assim Thomaz Pompeu Sobrinho contava aos leitores do **Correio do Ceará**, a 3 de junho de, 1915, impressões sobre esses dias de desespero que se abateram sobre o Ceará e seu povo.

Ao outro dia, no mesmo **Correio do Ceará,** na primeira página, o eminente sábio acudia o leitor com novas observações que ainda hoje se mantêm atuais, vigorantes:

"Interessantes, dignos de estudo, são os efeitos das secas sobre os terrenos. As rochas expostas aos ardores do sol mais diretamente. aquecem-se consideravelmente durante o dia e resfriam-se bastante durante a noite, em virtude da irradiação do calor para o espaço límpido.

A secura do ar e essa alternativa de calor e frio desagregam as partes mais expostas, ângulos e arestas, e a decomposição das rochas se faz então ativamente. Este fenômeno de colização dá às rochas e aos serrotes de pedra, aspectos bizarros e característicos.

As decomposições químicas no solo também se realizam intensamente sob a ação dos diversos agentes atmosféricos, então mais ativos: os princípios alimentícios das plantas aumentam em conseqüência, ao mesmo tempo que a paralisação da vegetação representa uma considerável economia dele. Daí, resulta maravilhosa pujança da vegetação, após a seca. As plantas desenvolvem-se com tamanha rapidez, e a impressão é de que a natureza tem todo empenho concentrado em reparar o tempo perdido."

Não se pode dizer ao certo qual dos dois tipos marcadamente cearenses, – o vaqueiro, o agricultor –, apanhados na teia da metamorfose climática, é mais dependente da natureza que o cerca, ao se romper a estranha normalidade de vida sertaneja (inverno de quatro ou cinco meses e verso por todo o restante). Sem advertência do poder público, de órgão que se autorize precisar quando sucederá o cataclisma, dá-se a estiagem prolongada. No caso especifico do meio ambiente cearense, há de significar sempre, em média, setecentas horas[9] praticamente sem água, sem condições habituais de alimentação, quer animal, quer humana.

Desmorona-se a vida comunitária interiorana a uma velocidade que só os estóicos, afeitos a esse tipo de provação repetida, podem suportar. O sentimento de apego à terra, tradicional vinculação afetiva à paisagem, mesmo ao arrepio de renovadas situações vexatórias, inextricáveis, é que mais demora desvincular-se de sua estrutura social desgastada em regime de desmonte progressivo, primeiro pela perda de apego ao simplesmente material, ao que plantou e viu fenecer no campo; depois, ao sentido cognitivo de sua existência, imaginário mundo que o modelou ao longo dos anos, temente a um Deus, personagem privilegiado desses momentos, quer na sua própria figuração ou na de taumaturgos que tutelam a área paroquial – ou ao indecifrável sugestionamento de coisas que lha falassem, vindas do inescrutável, a esclarecer não como seria o futuro pragmático de sua vida (se obterá cabedais) mas tão só que medida terá a verdura dos dias molhados do ano.

Em menos de um mês, esvaecida a segunda planta – nem sempre agilitada pela maioria –, o homem se sente

[9] Thomas Pompeu Sobrinho. Artigos in **Correio do Ceará**. Fortaleza, 3/6/1915.

envolvido pelo drama doméstico principiado no roçado frustrado, e lancinante, entre quatro paredes, quando dá de minguar a frugal refeição à base de feijão, arroz e farinha: – se lhe debilita, se lhe desconforta o corpo, sumindo as energias que talvez não lhe arrimem mais para suportar a caminhada até a Capital, na pancada do mar, onde espera receber socorro.

Ficando no sitio em que mora – pé de serra ou proximidade de vila sertaneja – não terá por certo a menor condição de sobrevivência. Mesmo os menos descapitalizados pelo círculo de pobreza, que se instala, têm obrigações com a família e seus agregados, e o gado urge mantido em regime de estabulação emergencial, tal o estado de fraqueza de reses então atendidas em jiraus ou à dieta de mandacaru sapecado na fogueira.

A vocação intelectual do cearense, que o esperta para a oratória e as letras, e nutre a cantadores e historiadores de feitos memorialistas eméritos a instantes dramáticos como esses, dimensiona agora a dor de quem vai desfazer-se do que antes era seu mundo, para ir-se em **wagon** de trem, passageiro indesejado, olhado e visto sob irreprimível pesar em cada parada.

Força é dizer; há tempo que o homem se prepara para emigrar.

Fazia-o de muito antes, sem pressentir nem examinar as conseqüências por que razão, ao longo de sua existência, se tornou desinteressado de árvores próximas à casa, mesmo as frutíferas, já aí instintivamente alertado para não manter vínculos que depois devesse desfazer, deplorando a perda.

Entesoura o que pode transformar em suprimento de estômago: criações de pena, as "penosas" como refere; a cabra de corda, chamada "comadre", responsável pelo alei-

tamento de crianças e enfermos; e o cão magricela, até amofinar-se, auxiliar direto na captura derradeira da pouca caça que ainda existe na solidão dos campos.

Por todo esse tempo de expectativa e agruras, deu em se consumir, como árvore que, perto do braseiro, despoja-se da própria seiva.

Emagreceu de tal modo que a blusa, praticamente ao fechar, confere a impressão de estar vestindo outrem.

Com efeito, é outra pessoa que ai está, lenho escalavrado, sugado, evaporado pelo mormaço; ressequido na fornalha do verão candente.

Dá-se a sensação de vazio. Não mais hora de comer, de fumar um cigarrinho, "matar-o-bicho", freqüentar a feira, a missa.

Tinha-a. Não tem mais.

A invenção culinária de cozinha a fogo morto resume-se a sobejos obtidos ao casario da vila, a frutos silvestres tomados a juazeiros, a mutambeiras, a uma e a outra umarizeira que teimosamente, no seu entendimento, aguardou tempo propício para deixar cair frutos nos empoçados da invernia.

Folhas e raízes engendram refeições que não revigoram; deprimem.

De repente, está acuado em sua própria tapera, sob nítida impressão de que não partindo, quanto antes, servirá de repasto a urubus. Não dispõe de didática de convencimento; é persuadido simplesmente.

A pôr-se de pé, recolhendo os troços para largar, não é bem os seus sentimentos que decidem, mas os reclamos de corpo combalido à necessidade imperiosa de sobreviver.

O desejo de retornar às paragens que deixa, repontará quando a bom empenho de Deus e dos homens tudo tiver passado. Agora, é despedida a gosto amargo do que

realmente se separa, sem certeza de juntar outra vez. Simplesmente, o homem dá de partir; minto, de fugir. E como se desejasse eximir-se das labaredas do incêndio que o retêm dentro da mata, braseiro enorme, fulgescente, de roçado que nunca desejou fazer.

Mesmo que intentasse recordar, vulnerar-se a sentimento literário de quem abala, saudoso, não se teria em grande estimulo. A casa, a cerca, o terreiro, tudo isso ele vai ver multiplicado à margem dos caminhos, de rodovia ou estrada de ferro.

Os poucos bens da pobreza são a fortuna do todos os miseráveis.

No momento exato em que decide partir, é carga humana.

Mercadoria despachada.

A INDEFINÍVEL NATUREZA AMÁVEL

Por entre as frondes e as jitiranas roxas, nódoas fortes do sol nos telhados de granito empoeirados de mica. No fundo do vale, o rio Ceará corria lentamente, sussurrando nos seixos rolados e nas areias claras das coroas, levando a água colhida nos roques abruptos do Baturité ao antigo ancoradouro dos maracatins do holandês Matias Beck.
Como eu adorava aquele sertão! Como ainda o adoro guardado inteirinho dentro de mim!

Gustavo Barroso
Consulado da China

Convencionemos o **locus amenus** dos antigos a natureza representada pela paisagem que sensibiliza. Fundamental vejamo-la assim, cientes de que poetas e prosadores, uns e outros arrebatados pelos encantos da **natureza amável,** não perceberam, à sua contemplação, senão pontos de encantos pluralizados: córregos, bosques, campinas. Ou prados, vinhedos –"choupos, álamos e ciprestes"; e não raro, como na floresta de Ardenas, de Shakespeare: "palmeiras, oliveiras e leões."

Ernest Robert Curtius – a quem vamos buscar essa sabedoria a respeito da paisagem ideal, – considera o **locus amenus,** até hoje, "ainda não reconhecido em sua essência retórica-poética"... E como nem todos cultivam o utilitário exercício botânico, também presume-se que sempre, quando nos dispomos a falar – "na nossa paisagem" –, raramente conseguimos identificar aqueles pontos que, não os consagrando de modo singular, damo-los por definidos em suas formas grupais, possivelmente poéticas e inspiradas, mas percebivelmente irreais.

Todo esse intróito realmente didático foi para tentar convencer o leitor de que a paisagem imaginada fácil de definir, não representa o mais das vezes senão o resultado de simbolismo expresso por tradição, longe de consagrar

ora a realidade de quem a enaltece, ora a de se ajustar, com propriedade, à cercadura ambiente que se pretende projetada.

O escritor Raimundo Girão, no vestíbulo de seu livro de memórias (**Palestina, uma agulha e as saudades,)** quando imagina se desincumbir da agradável tarefa de relembrar para si e para outrem o seu sertão do Banabuiú de Morada Nova, nada mais faz do que nos dar, do território geográfico cearense, o contraditório **locus amenus** da paisagem sertaneja, a caatinga em que "pompeiam e triunfam a aroeira duríssima, o angico taninoso, o pau-branco de tantas utilizações, o cumaru, que é **pau-de-cheiro** e matéria-prima da carpintaria sertaneja transformado em portas, caixões, baús, móveis diversos, o juazeiro eternamente verde, o jucá, a jurema preta, o sabiá, o pau-d'arco, o pereiro, o mororó, a imburana, que é **pau-de-abelha** Dá-lhe majestade e formosura, o engrinaldamento das jitiranas trepadeiras, cobrindo a mata, mais nos abertos, com o manto imponente de suas flores roxas, vermelho-roxas ou brancas. A caatinga é sadia, o ar é puro, não sacrifica o homem com nenhum miasma, nem o impaludismo, nem o beribéri, nem as feridas brabas. É – e já foi muito mais – o desafio ao vaqueiro, que, domando-a destemido, tal como faz ao boi bravio, se glorificou na história e na vida do sertão."[10]

Gustavo Barroso não descreveu por certo a caatinga do sertão de Raimundo Girão; viu outra, símile daquela do Banabuiú de Morada Nova, depreciada ao sobrevir agosto, com as mesmas árvores, à predestinante descoloração da mata petrificada:

---

[10] Raimundo Girão. **Palestina, urna agulha e as saudades.** Fortaleza, Departamento de Imprensa Oficial do Estado. 1972, p. 23.

> "..as árvores vão-se destoucando e se vão despindo: e por todo o começo de agosto o olhar experiente e observador vai notando que dia a dia se desnuda mais uma árvore. Ontem foi o pau branco que ensombrava o canto do curral; hoje, a umarizeira que beijava o telhado da casa; amanha a ingazeira esgalhada que dominava o terreiro; depois, a catanduba alta da capoeira próxima; depois, os sabiás do cercado, os jucás da varjota; e por fim todas, todas, todas... Começa o letargo dessa vegetação interessante, xerófita ao tempo da seca, higrófita no inverno, morta e ressequida na aparência, enquanto que, silenciosa e latente, a seiva fermenta nos seus fortes órgãos de repouso e hibernação." [11]

Tanto num e noutro autor o que descrito está é o todo: a caatinga generalizada, generalizante, abrangente. A vestimenta disciplinada de tantos indivíduos florestais, na região do Banabuiú, é síntese vegetativa do que se pode encontrar, pinçando aqui, ali, nas diversas áreas da caatinga cearense. E compreensível a criatividade que, tanto em Raimundo Girão quanto em Gustavo Barroso (para citar apenas dois dos muitos preocupados com a paisagem cearense), animou-se a eleger o **locus amenus.**

Usar de outra exteriorização emocional, artística, seria fugir à natureza amável, relembrável do cearense, o próprio Ceará que arranca a Gustavo Barroso, ausente dele, supliciado por "enfermidade pérfida e cruel", estas pala-

[11] Gustavo Barroso**. Terra de Sol.** 6a. ed. (comemorativa do cinqüentenário). Revisão e Prefácio de Braga Montenegro. Fortaleza, Imprensa universitária do ceará, 1962, pp. 19e 20.

vras: "O Ceará, muito especialmente Fortaleza, foi e continua a ser o meu mundo. E continuará sempre, estou certo. Não um mundo que eu comando, mas um mundo que me comanda através do espaço e do tempo, onde quer que eu vá, seja qual for a época."[12]

De um modo geral, quando se aparta de seu meio ambiente, o sertanejo não tem a sensação de que se desaferra de paisagem singular, isto é, a sua, restritivamente local. Vê a terra que se lhe ficou para trás, pluralizada. O Ceará, para seus sentimentos, para suas emoções, é qualquer porção de território cearense, seja serra, serrote, grotão, talhado, tabuleiro, várzea, caatinga, ladeira, beira de rio, pancada do mar.

Anote-se a confissão de Gustavo Barroso, então concordante com o que dizemos: "Se o meu primeiro livro, **Terra de Sol,** é a saudade da adolescência banhada de sol sertanejo, do segundo **Praias e Várzeas,** o mar intervém e reclama a sua parte, juntamente a metade."[13]

A figuração do **locus amenus** para o homem acostumado a desafios de verões caniculares, asperamente extensos, é o de terra molhada, dadivosamente regada, pronta a ser cultivada e garantir o provisionamento de sua vida.

O senso estético do sertanejo, de preferências simplórias (cores primárias e empolgam, principalmente o azul e o encarnado) e cujo julgamento do que seja belo, pelo menos ajustado a bicho ou pessoa, tem de estar ligado a uma exteriorização de robustez física, dotação biológica melhor nutrida, consagra o tempo tendo-o por bonito da gradação meteorológica de suas necessidades, quando se torna promissor para chover.

---

[12] Gustavo Barroso, citado por Herman Lima. **Poeira do Tempo**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977, p. 74.
[13] Id., **op.cit**, p. 66.

Toda a sua vida gira em torno de circunstâncias que, prevalecendo, transformam a área em que se situa no lugar ideal de viver pelo menos momentaneamente.

A sentença "nos fins d'água" (marco aprazado para compromissos diversos) assinala o prenúncio de que é expirado o inverno; exauriu-se o tempo de bonança. A natureza vai dar de regredir – de esmorecer – vindo hora da tomada de deliberações para a comunidade familiar. Vai, então, o homem preparar-se para estar em Canindé, a 4 de outubro, ou a Juazeiro do Norte, em novembro, a pagar promessa: acordar compromissos, abrir novos roçados, fazer compras, ajustar o dia do batizado do último rebento, casar filhos.

– Nos fins d'água, "nós se entende.

Raro o dito: "nos começos d'água".

A primeira frase tem trânsito comum, pertence praticamente ao compromissamento logístico da vida do sertão, um quer que seja de direito consuetudinário. Firma evidência a que ninguém é lícito negar, ou desconhecer: findou o inverno. O enxugo principia.

A rigor, a única coisa que o sertanejo tem certeza de ver acabado em tempo previsto. Deu junho, ele inquieta-se. Prevê no vento que começa a correr desatinado, aditado por manhas friorentas (a umidade orvalhada da madrugada desce sobre açudes e lagos, faz-se névoa sombria, apreguiçante), soa a hora de recomeçar tudo novamente.

Este "fins d'água" terá significado mais amplo, a alterar profundamente a imagem que o cearense tem do **locus amenus** desfrutável.

Em seu enunciado pode vir, no entanto, a rutura definitiva do homem com a sua paisagem, já não dizemos **amável,** mas necessária.

E é em seus momentos de rutura com meio ambiente, quando já se vê distante, passados os dias, vencidos os

meses, amadurecidos os anos, que, a um repente, num amanhecer ou cair de tarde, novamente se reencontra com a paisagem que pensou não carregar consigo próprio. E ela inelutavelmente está à mão, à pouca distância de sentimento que os mais bem dotados o dão como saudade.

Ai! Que relembrar! E dor! E desejo de regressar!

A generosa eternidade de um céu povoado de anjos e entes queridos, sem demônios, brasas e fogaréus, é insuficientemente convincente diante da lembrança da terra – serra ou sertão – que o migrador deixou para trás, apartado por necessidade, nunca a desfastio de amor.

Ai, que dor! Como se denomina o sentimento assim nascido, e petulantemente robustecido ao anseio de inesperada volta?

De verdade, a essas horas o homem avalia com precisão de agrimensor diligente, e senhor de terra, toda a grandeza da paisagem amena que é sua – esteja onde estiver do Ceará benfazejo, torturante, irredento.

A PROTELADA DESERÇÃO E O SABOR DA VOLTA

A separação na seca é pior do que a partida para a guerra. Na guerra há o patriotismo que anima e a luta é contra homens. Na seca existe apenas a miséria que mata e o inimigo é a natureza brutal e indomável

Nanges Campos
Flagelados de Primeira Classe

De repente o homem tem de desertar.

Noutra circunstância, tecida de normalidade, ainda que no estágio de pobreza em que vive, tomaria a bênção aos pais, dar-se-ia por bem-fadado pelos padrinhos, para partir. Agora não há com quem falar as coisas de sua etiqueta saudosa. O vizinho retirou-se. O irmão foi tentar a vida noutro município. Os conhecidos decidem viajar para a Capital.

Imaginam juntar-se no mesmo trem. Dão de protelar a viagem.

E vem dia de maior desespero. O aviso que corre os caminhos é de muito sofrer. Urubus, agourentos, esperam o desenlace de bichos e gentes. A água empobreceu nas cacimbas. Punarés, e preás, e desalentados lagartos se tornam audaciosos. Cobras começam a aparecer, também hispidadas pela fome.

Seguem então para as ruas da vila. Como tantos, sentam-se nas calçadas; postam-se de cócoras ao aguardo de providências que os mais despachados foram postular junto a vereador conhecido ou alguém de maior notoriedade, chefe político, ou fazendeiro de nomeada. A resposta, mais tarde, enquanto receberam farinha e rapadura para entreter o estômago, é que se devem dirigir à sede do município.

O prefeito, ficam sabendo todos, pelo telégrafo já entrou em contato com o Governo para o acudimento que urge.

Governo é vocábulo forte; adquire por esses instantes a conotação de entidade poderosa, rica; – apesar de distante dos que sofrem àquele momento, não tardará a mandar, como o fez ao longo de outras calamidades, recursos para trabalharem em abertura de estradas, na construção de açudes públicos, que, ao dar-se por acabado, não deixarão mais sem água nem verde a comunidade. Ouvir-se-á, freqüente: "O prefeito já se entendeu com o **Governo. – "O Governo** prometeu atender à gente . . . "Vai chegar ordem do **Governo." – "O Governo..."**

Essa entidade respeitada e poderosa se interpõe entre os dos céus e os da terra.

Nem sempre, expedito e humano quanto o desejável. Arrasta decisões importantes ao longo da asperidade diária do infortúnio. Protela. Confessa de público a falta de recursos – **não há dinheiro! – e** isso confunde, decepciona, amarga, não faz sentido para quem sofre.

"O nosso sertanejo não compreende que possa haver governo pobre; não entende governo sem dinheiro. Dai o êxodo, que, em épocas emergenciais, se estabelece do centro para a capital, aonde se encaminha, em caravana, o povo do interior, do que resulta o acúmulo de população adventícia nas mais tristes condições, privada dos mais indispensáveis meios de subsistência."[14]

Sucedem-se as concentrações de povo em lugarejos.

Enquanto o Governo não atende, a autoridade maior da região – geralmente o edil – trata de ocupar homens e mulheres na varrição de ruas, na abertura de picadas em mata próxima, – algo que possa distrair a multidão (ou a

[14] **Correio do ceará.** Fortaleza, 16/agosto/1915.

fome?) por dois ou três dias, ao aguardo de informações positivas de medidas que urgem, mas tardam.

E decorre a semana, a que desesperam os vulnerados pelo flagelo. Tomam-se todos então da vontade de sair dali, deixar esses tratos onde nada mais existe que os contente. Um centelhamento geral acorda, estremece a massa, – fá-la decidir-se: é ir para a Capital, ficar perto do Governo.

Na estaçãozinha da ferrovia, o trem chegado é imobilizado. A decisão da multidão torna-se unânime: só os levando a todos, parte o comboio.

Não incomodam a passageiros. Prometem, cumprem.. Mendigam. Não furtam. Não tiram aos outros, à força. De agora por diante, despojados da natureza, malcheirosos, andrajosos e famintos, tornam-se passageiros do primeiro trem da fome, que desce.

Até a seca de 1958, o acesso de flagelados a Fortaleza fazia-se como se descreve. Nos últimos anos, à repetição de violências nas cidades, ensejadas por tensões sociais de outro tipo, e para conter o número excessivo de desocupados nas ruas, não permitem mais as autoridades que os escorraçados pela seca se desloquem de suas áreas.

Inquieta a convivência com os párias. Desde tempos atrás, a proximidade de famintos assusta, envergonha, constrange.

E segue a leva de retirantes, comprimida no trem da fome, e faminta.

Não custa saberem que a composição não alcançará Fortaleza. E ordem das autoridades policiais do Estado reterem-na em Quixadá, a meio caminho do percurso sinistro, para onde o Governo, ante a iminência de defrontar de perto a miséria, improvisando, apressa o valimento aos párias.

E a tanto se alegram os que vão removidos como animais. Neles se reacende a credibilidade nos que mandam,

novos patrões dos dias de angústia. Para muitos perde-se a oportunidade de ver o mar que a maioria não conhece, agora encalhados na própria terra que os viu nascer. Por enquanto estarão a salvo de serem exportados, sob as alternativas delituosas e impunes da assistência burocrática improvisada.

Mas, de verdade, já começaram a emigrar nos limites de sua própria região, indo de um lado a outro. Quando chegar o inverno, retornando as águas outra vez, serão reembarcados para os seus sertões, a começar tudo de novo, sem nem ao menos perceberem que simplesmente o tempo lhes concedeu apenas uma trégua.

As multidões empobrecidas têm uma única e solidária identidade; a miséria. A que desce o sertão, de trem, de caminhão em lombo de alimária, ou a pé, perdeu a valiosa individualidade no exato instante em que teve de se desfazer de seus poucos haveres: a lazarina de caçar, negociada a vil preço; e, por igual descompasso, facão, a foice, a enxada, o machado, seus instrumentos de trabalho. A isso, todos o dão por despojado, e no porto de se juntar a tantos outros seres que, daí por diante, não são mais do que retirantes.

O indivíduo assim evadido do lar, desfeita a estrutura de convivência doméstica, é elo de corrente anônima que não puxa, vai puxada.

Apontadores de obras, feitores da derradeira disponibilidade muscular, os organizam como. quem ordena desprezíveis valores de uma penitenciária. A rigor, nem ao menos exigem, aperfeiçoadas, as tarefas para as quais os destinam. Importante é que cada um desses seres se compreenda amparado pelo poder público e, ao final do dia, receba o soldo por tarefas diligenciadas ou não.

Nessa situação – depois de ter-se despojado da casa, do terreno onde viveu, e às vezes, até da própria família,

que espera mais perder o homem? Torna-se número; deixa de ser gente. É o "vinte e dois", o "dezoito", o "trinta e dois", ou o "homem do Orós"; o "olho torto", é o "mão lesada", o "caraolho", designação que brotam espontaneamente a recrismar a uma maioria que se salienta por defeitos físicos ou por localizações geográficas, de origem.

Não importam aí as artes que porventura manejam: se oleiro, tecedor de caçuás, jornaleiro hábil ao uso da enxada; esperto vaqueiro, capaz, de passar por baixo de pau caído, sem se largar de cavalo, a menos de um metro do solo.

Dilui-se essa criatura, enxotada pela natureza, em muitos seres, e conquanto de noite recorde a vida que desfrutou ao enfreado de grandes invernos, amolda-se à nova maneira de viver; porém é como se cumprisse sentença, posto a ferros, a trabalho forçado, por meses que escoarão até que de novo se realmente a natureza, reapareçam as nuvens alvissareiras, e, desfundados, os céus partirem pressentidas chuvas.

Retirantes que conseguem alcançar Fortaleza, escapando à vigilância governamental, são encaminhados a abrigos adrede preparados. E vacinados. E atendidos à medida do possível, dependendo do tamanho da récua dos que se localizam nos postos de triagem ou manutenção. Em qualquer opção, sob a indefectível usura de dieta de campo de prisioneiros de guerra.

Em um dia de dezembro de 1915, em Fortaleza, foi esta a dieta de 6.437 flagelados: seiscentos e vinte e três quilos de bolacha, quarenta e quatro sacos de farinha, oito de feijão, nove de arroz, e um fardo de charque.

Em 1970, cena semelhante repetir-se-ia no interior do Ceará, em Crateús, para pior. Viu-a o presidente Médici, sem compreender que o regime de atendimento alimentar,

autorizado pelo seu governo, ainda era tão parcimonioso e deficiente como o adotado em 1915.[15]

Mais desnutridos, sugados, caquéticos, são essas criaturas que resistem até abandonar suas paragens, a se valerem, enquanto podem, de raízes silvestres – o que lhes restou do ecossistema consumido. Ora o juá, pequeno e adocicado fruto do juazeiro; ora o feijão bravo, ou a amêndoa de mutambeira, depois que se tornam raros os cocos dos catolés e a ameixeira do mato é escassa. Alguns, a desespero, se contentam com raiz de mucunã nem sempre preparada sob cuidados, que é árduo encontrar água para lavá-la nove vezes, como inspira a tradição.

A dieta selvagem prevalece com raízes de maniçoba e do umbuzeiro; aproveita restos de cuandu, macambira, xiquexique ou frutos do mata-fome, manjerioba, umari, acodem; tudo sob manipulação afanosa, sem ao menos satisfazer parcialmente o organismo.

Sofre o sertanejo; exaure-se.

Vai render-se a uma trajetória que poderá significar o seu definitivo desligamento do meio ambiente em que nasceu e se fez.

Em se apartando da família, pode suceder de não mais rever esposa e filhos. Não raro, episódico, dando de retornar um dia, deparar a família dizimada.

Não cultiva quase nenhuma memória para a afeição de sentimentos assim gerados.

Seus entes mais queridos, os menininhos, não morrem – vão arrebatados pelos anjos para céus de luares e de nem um sol, onde se tornam identidades divinas.

Os mais velhos, perecendo, consolidam a grei de quantos, dai por diante, só serão relembrados por circuns-

[15] Discurso pronunciado em Recife a 6 de junho de 1970.

tâncias de referência histórica: “perdi o pai, no 15...” – “Minha mãe não agüentou o repuxo de 58...” – “Minha irmã se foi no invernão de 24...”

A Deus, irreversivelmente, dão-se por ligados os mortos. Quem partiu, onde quer que se encontre, cultiva insopitável desejo de regresso, permanente inquietação de corpo e espírito, insatisfeitos, até o reencontro da terra ausente, – útero, madre, matriz.

A maioria no entanto nunca se desprende de seu primitivo ecúmeno, cenário de meteorologia incipiente, de superstições mágicas e tradições, e ritos. Como a natureza factível que esmorece, aquebrantada ao agudo da crise clímica para depois reenverdecer ao sobrevirem as chuvas, quem retorna, torna.

Pisando novamente a caatinga é como se nela o replantassem.

Nem ao menos indaga o dízimo voraz que pagará pela revivescência ansiosamente aguardada.

Dorme sob telheiros, em alpendradas, debaixo de árvores, a céu aberto. Com Deus.

Antes, desapeado de seu mundo, experimentou terrível desalento de ver a família em restos, sobejo que, ingurgitada, a seca refugou.

Dá de refrondescer a natureza. Ervas e ervanços, à margem dos caminhos, entranhadas de vida, da vida que renasce, agitam-se ainda que não tocadas pelo vento. E falam. E dizem ao peregrino cansado, pela longa migração de volta, o recado da compreensão de seres novamente em amor.

A terra é flor,
– é fruto.

O VERDE DESCONTURBADO

Verdes, vivazes, ressurrectas, as árvores todas, imburanas, pereiros, mulungus, angicos, mu-tambeiras, catanduvas, jaramataias, pompeia m livremente, farfalhando com doçura ao vento fresco do inverno.

HERMAN LIMA
Tigipió

Sertão é vida real,
Jardim florindo no campo,
Borboleta e pirilampo,
Lagoa, grota e juncal;
Mugido enchendo o curral;
Vaqueiro lavando a manta;
Jejum na Semana Santa,
E Cantador em peleja:
No sertão, quando troveja,
Todo mundo vibra e canta.

CÂNDIDO TEIXEIRA DOS SANTOS

Tudo está alegre, seivoso, vivo. A terra como que ressurgiu de suas próprias cinzas, miraculosamente.

GUSTAVO BARROSO
Terra de Sol

CHOVE.

Alegram-se os dias, a respirar todo o verde desconturbado.

Enfloram os chãos e os mais.

Raízes, repentinamente alentadas, sufocam a terra que não se sabe, nem quando nem onde, foi acre, e inóspita.

Florejam árvores, antes porejantes de espinhos e sequidão, a disfarçar toda a gasta asperidade agora postergada.

CHOVE.

Estrugem trovões; corre pelos céus alvoroçantes estrépito; dá-se então indescritível cavalgada de ressurreições:

– Já não existem espectros, como nos cantou o poeta, nem a morte passeia um corcel de ossadas."

CHOVE.

A natureza soma, multiplica arruídos; mil sons indefinidos mas familiares acodem ao coração de quem se lhes afeiçoou: goteiras pingando no barro, no cimento alisado, repetindo a monotonia de seu esvaimento sobre solitárias panelas de fogo morto: mexer de corpos em redes sem lençóis, adivinhando a fecundidade ali recém-posta e,

adiante, depois da alcova, do alpendre, da imensidão dos campos, um quer que seja de vida renascendo de modo tênue mas paradoxalmente atuante, e viril, intumescendo sementes, rebentando-as, aluindo, explodindo a terra à procura do enfriado, da água que afinal jorra e chega curiosa, indo a todos os desvãos, os da natureza e os do coração do homem.

CHOVE.

A voz dos que não são mais, e talvez jamais retornem, repõe-se na memória dos ressurrectos, – ao timbre coloquial de convivida vida.

Homens e fantasmas, todos vivos, estão tropeando novamente, disparados, pela caatinga reflorida.

CHOVE.

Tem inicio a contagem dos dias do verdadeiro calendário do Ceará, a encharcados e verdes, e nem assim divorciado do sol, por essas horas de brando fulgor compassivo.

Antes de o homem chegar ao campo, à terra, a mão dadivosa de Deus ara e semeia. Ninguém saberá explicar como e porque acontece. Mas a árvore que definhou, até estiolar-se, toma-se de seiva outra vez, e fá-la escorrer, esverdeada, por todos os seus ramos antes perecentes, onde agura as aves longamente ausentes também retornam para construir seus ninhos com a pouca matéria inerme que ainda é possível encontrar.

CHOVE.

Ao cair da noite, quem recolhe à casa, à alcova de intimidades segredadas, sabe dar-se o antecomeço de nova vida.

CHOVE.

Até quando, ninguém pode prever.

Mas não se vêem mais as lutuosas cores de áspero, férvido, e cruelíssimo verão.

CHOVE.

ANTOLOGIA POÉTICA DA SECA

O homem do Nordeste
– liga de aço e cobre,
escava a terra bruta
e a negra fome encobre.

José Alcides Pinto
Os rigores do Tempo

A FOME NO CEARÁ (1877)

Guerra Junqueira

Lançai o olhar em terno;
Arde a terra abrasada
Debaixo da cadente abóbada dum forno.
Já não chora sobre ela orvalho à madrugada;
Secaram-se de todo as lágrimas das fontes;
E na fulga aridez aspérrima dos montes,
Entre as cintilações narcóticas da luz,
As árvores antigas
Levantam para o ar – atléticas mendigam,
fantasmas espectrais, os grandes braços nus.

Na deserta amplidão dos campos luminosos
Mugem sinistramente os grandes bois esquiosos,
As aves caem já, sem se suster nas assas.
E, exaurindo-lhe a força enorme que ela encerra.
O sol aplica à terra
Um cáustico de brasa.

O incêndio destruidora galopar com fúria,
Como um Átila, arrasta a túnica purpúrea
Nos bosques seculares;
E, Lacoontes senis, os troncos viridentes
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.
O sol bebeu dum trago as límpidas correntes;
E os seus leitos sem água e sem hervagens frescas,
Co'as bordas solitárias,
Tem o aspecto cruel de valas gigantescas
Onde podem caber muitos milhões de párias.
E entre todo esse horror existe um povo exangue
Filho de nosso sangue,
Um povo nosso irmão,
Que nas ânsias da fome, em contorsões hediondas,
Nos estende, através das súplicas das ondas,
Com o último grito a descarnada mão.
E por sobre esta imensa, atroz calamidade,
Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor.
Pairam sinistra mente em bandos agoireiros
Os abutres, que são covas e os coveiros
Dos que nem terra têm para dormir, Senhor!

E sabei – monstruoso pesadelo!
Sabei que ai – meu Deus, confranjo-me ao dizê-lo!
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,
E os abutres cruéis com as garras de lanças,
Rasgando, devorando os corpos das crianças
Nas entranhas das mães!

II

Quando inda há pouco o vendaval batia
Dos grandes montes nos robustos flancos;
E as nuvens, como enormes ursos brancos,
Em tropel pela abóbada sombria
Dos canhões dos titãs, aos solavancos
Arrastavam a rouca artilheira;
Quando os rios indômitos, escuros,
Iam como ladrões saltando os muros
Para roubar ao camponês o pão;
E, cruzando-se os raios flamejantes
Abriam como esplêndidos montantes
Do meio a meio a funda escuridão;
Quando os ventos aspérrimos, frenéticos,
Como ciclopes doidos, epiléticos,
Com raivas convulsivas
Perseguiam, bramindo, às chicotadas,
Das retumbantes ondas explosivas
As trôpegas manadas;
Quando entre os gritos roucos da procela,
A fome – a loba – escancarava a goela
Uivando às nossas portas;
E andavam sobre as águas desumanas
Com os despojos tristes das choupanas
Berços vazios de crianças mortas;

Oh! nesse instante, ao ver o povo exime,
Pulsou da pátria o coração unânime,
Um coração de mãe piedosa e boa.
E das imensas lágrimas choradas
Muitíssimas então foram guardadas
Entre as jóias da coroa.

Mas é certo também que elém dos mares
Alguém ouviu, alguém, cortando os ares,
    Essa terrível dor;
E esse alguém é quem hoje, é quem agora
Morto de fome a soluçar implora
Mais do que o nosso auxílio – o nosso amor.

Vamos! abrir os corações, abri-os!
Transborde a caridade como os rios
Transbordaram dos leitos em janeiro!
Nem pode haver de certo mão avara
Que o pão recuse a quem lhe deu a seara,
Que a esmola negue a quem lha deu primeiro.

A miséria é um horrível sorvedoiro;
Vamos! enchei-o com punhados d'oiro,
Mostrando assim aos olhos das nações
Que é impossível já hoje (isto consola)
Morrer de fome alguém, pedindo esmola
Na mesma língua em que a pediu. . . Camões!

A SECA NO CEARÁ (TRECHO, 1877)

Anônimo

O sol do Novo Mundo, o sol que em resplendores
O firmamento alaga e acende em vivas cores
De opalas e rubis;

O sol, que doira a coma às selvas veridentes
E encherá de ambrosia os caules odorantes
De mil flores gentis;

Almo sorrir do Eterno, olho da Providência
Que no germe fecunda o mistério da existência
Ao próvido calor;

O sol, que faz vingar no campo a farta messe
Que o fruto nos sazona, e os membros nos aquece
E infunde-nos vigor;

O sol, que benfazejo a festa do trabalho Aqui preside e anima, e à noite o doce orvalho
Como benção goteja;

Além, como um flagelo, assola a terra ardente,
E, não já doce luz, mas lava incandescente,
Sobre os campos dardeja!

Olhai: – pela amplidão dos páramos desertos,
Na planura sem fim, nos cerros descobertos,
Não brota a planta agreste ou desabrocha a flor;
Adusto o negro chão, nem mesmo o cardo nutre;

No ar nem voa a ave; apenas negro abutre
Companheiro da morte habita em tanto horror!
A abóbada de fogo, o céu a terra esmaga:
A natureza inteira afoga-se na vaga
Que implacável o sol atira sem cessar.
Não há sombra nem véu que tanta luz embace;
E o firmamento azul sorrindo mostra a face
Como escarcéu pungente a tanto agonizar!

Na amena placidez das noites estreladas
Não corre ali frescor das brisas perfumadas,
Nem refrigera a terra o rocio matinal:
E o vento que atravessa a planície tostada
E como exalação de furna incendiada,
Como o simoun que varre o líbico areal

Senhor, basta de luz! das nuvens no sudário Amortalha
esse sol, o facho incendiário
De fulgores letais;
Descerra agora, ó Deus, do abismo a catarata
E aplaca a sede atroz, que os homens punge e mata,
Em torrentes caudais!

CANÇÃO DO EMIGRANTE (TRECHO, 1878)

Rodolfo Teófilo

Ah! ricos tempos d'outrora
Que nunca mais voltarão!
As matas, ai! mais não gemem
Na foice sem coração.

Quanto roçado garboso
Da nossa terra brotou!
Trabalho do braço livre,
De quem não se cativou.

E agora com que vergonha
Vamos nós pedindo pão;
Embora na mesma terra,
A um povo que é nosso irmão.

O rei mandou-nos da corte
Nudez e fome matar,
Inda lembrado da guerra
Que nós soubemos ganhar

Mas era também esmola,
Que nos mandava a Nação
A um povo que não mendiga,
É insulto dar-lhe a ração.

MINHA TERRA

IV A Catástrofe (trecho)

Antônio Sales

Setenta e sete veio – o ano torvo maldito,
Da grande expiação marcando a hora tremenda.
Do horror ia formar-se a negregada lenda!
Raiou janeiro, e o céu, todo ardendo em fulgores,
O manto não vestiu dos nimbos promissores
Para o ato ritual de abril a sazão nova;
A semente ficou, sem germinar, na cova,
Aguardando o frescor da bátega fecunda.
E veio fevereiro e março... Na profunda
Abóbada inclemente a dardejar faiscas,
Aves de arribação, perpassavam ariscas,
Raras nuvens sutis que o vento escorraçava.
O sol tinha ao nascer, um fulvo tom de lava.

Olhos fitos no céu, os homens conturbados
Seguiam dia a dia os lances ignorados
Da tragédia de luz que ia acabar em luto.
E sempre o azul profundo, impiedoso, absoluto,
Belo e funesto, aceso em turquesas flamantes.
E veio abril, o mês das águas abundantes,
Que incuba a floração esplêndida de maio
E no arvoredo põe um manto verde-gaio
Para as gafas florais do culto de Maria...
Abril passou, no entanto, em cérula ardentia,
Sem verter sobre a terra a salvadora baga.
E a alma da multidão passou da ânsia pressaga
Ao pânico temor que ao desespero leva.

Cegos de tanta luz, encheram-se de treva
Os olhos que do azul baixaram desilusos
À terra, atro estendal de destroços confusos,
Que deixava após si a quadriga fumante
Do estio a galopar pelos campos adiante,
A propagar o incêndio às messes e à pastagem.
Nem uma folha verde alegrava a paisagem;

Em vez dos lagos onde o azul se refletia
Via-se o negro chão que em gretas se fendia,
Qual face gangrenosa em contorções de morte.
E por ali vagava em fúnebre coorte
O rebanho esfomeado e sequioso, mugindo
Tragicamente, a olhar para o horizonte infindo,
Fulgurante a chispar em espasmos de febre.
Girava o bando enorme em redor do casebre
Do pastor, obstinado em crer que contra o assédio
Do mal Deus mandaria, apiedado, o remédio.

... ...

E abril se desdobrou sem pérolas de rocio.
O homem ergueu o olhar para o sidéreo frono
Sem orar, e rompeu em blasfêmias.

Em torno
Já nenhum ser vivente havia à superfície
Da terra nem cortava o ambiente da planície;
Ressecava-se a polpa aguacenta dos cardos,
E, fugindo do sol aos mortíferos dardos,
O próprio corvo, enfim, à mingua de carniça,
Buscava a seu mister mais proveitosa liça

Só restava fugir a criatura humana,
Fugir por entre o horror da incendida savana,
Deixando para sempre o lar, as velhas tendas
Erguidas por avós, calcando o pó das sendas
Combustas, a colear como serpes flamantes
Em rumo às capitais ignoradas, distantes,
Lá onde vai findo o domínio maldito
Da terra, e onde começa, esplêndido, infinito,
O dágua, o pego azul que de espumas se junca,
O mar, que alguns, talvez, não tinham visto nunca.
Em meio da mortal angústia que os pungia
O mistério do oceano ingente os seduzia
Como um formoso abismo em cujo oposto lado
Estranha, cintilava a visão do Eldorado.
Mas aí! dizer o adeus eterno àquela estância
Onde, livre e feliz, lhe transcorrera a infância,
Onde a seiva do amor de sonhos enflorara
Seus jovens corações, e após frutificara
Nesse bando gentil de crianças morenas.
Sim, fugir sem demora, a todo o custo! Apenas
não se sabia bem se era ainda possível
Afrontar os sertões sob o fogo terrível
Do sol a coruscar como o ferro na frágua,
Sem coragem, sem pão, sem uma gota dágua!
Fugir era talvez antecipar a morte,
Mas a fuga era ali o partido do forte,
Que, morrer por morrer, antes tombar lutando
Em meio ao torvelim do flagelo nefando!

A SECA DO CEARÁ (1378, TRECHO)

Juvenal Galeno

Aqui loucos, esfaimados,
Cruéis filhos, cruéis pais!
Entre os seres desalmados,
Virtudes celestiais!
A mãe que delira e freme,
Se o filho com fome geme,
Porque seus peitos espreme.
E os peitos não vertem mais!

Meu Deus! que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Ali vê-se radiando
Os afetos filiais.
Fracos entes carregando
Os seus amigos leais!
E da casa no terreiro
Uivando o fiel rafeiro.
Noutra parte, o bandoleiro
Devora restos mortais.

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

E além... o casal deserto!
Que a família abandona
Velho pai de passo incerto
Em breve à campa baixou;

Após a consorte... O filho...
Que importa do moço o brilho?
Tudo caiu sob o trilho,
Que o infortúnio rojou!

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Magros sobejos da morte,
Buscando à morte escapar,
Emigram para o sul e norte.
Ei-los na praia a embarcar!
Oh.! quadros tristes, penosos!
O desterro... Os ais saudosos.
Que transes angustiosos.
No barco... à proa... no mar...

Meu Deus!... que cenas d'horror!
Misericórdia, ó Senhor!

Revoga tamanha pena.
Clemência, Senhor, perdão!
Se a culpa não foi pequena,
Grande há sido a expiação!
Em ruínas sepultada,
Eis minha pátria adorada...
Escutai a malfadada
Que vos pede compaixão!

Não mais, não mais tanto horror!
Misericórdia, ó Senhor!.

DESESPERO

Filgueiras Lima

O sol caustica a face morena do Sertão!
A gente olha a estrada:
        lá longe,
numa curva distante do caminho,
a caravana dos párias nômades aparece...
No olhar trazem o doloroso desespero
das almas condenadas!
No corpo descarnado,
uns trapilhos que brilham, à luz crua do sol
– trágica ironia! –
dando a rica ilusão de mantos régios...

Por cima
o céu imenso e azul
é uma gargalhada cínica, sem riso.

Para não deixar nem lembrança do seu nome
o caboclo toca fogo na sua choça de palha
– e ei-la que vomita labaredas para o alto,
como um protesto rubro da raça infeliz
contra o destino mau que Deus lhe deu...

Depois, o homem rude,
sentimental como todos os cearenses,
fecha os olhos e sonha:
diante dele a boiada muge satisfeita,
o rio murmureja, rumoreja,
os pássaros estridulam alegremente,

de mistura com a voz flébil da cabocla
e a alegria festiva de seus filhos!. .
E o milharal ondula, a refulgir,
cantando um hino de esmeralda e de ouro!
Mas,
quando o homem rude abre os olhos,
vê a real idade:
a mata em fogo!
a terra em fogo!
        o céu em fogo!

E ele verga o joelho, vencido;
chorando sobre a terra desgraçada
onde nasceu... Terra da maldição!

Ah! que ele ficaria ali chorando, eternamente, contando
que a chuva de suas lágrimas
ressuscitasse a glória do Sertão!

OS FLAGELADOS

Carlos Cavalcanti

(na seca de 1942)

Ando perdido neste acampamento,
de rede suja em rede suja,
e vejo em cada flagelado o sofrimento.

Em face deste bárbaro tormento,
de tão negra miséria, o meu desejo
é abandonar, com a rapidez do vento,
esta gleba infeliz em que rastejo!

Vendo um casal que dorme à sombra larga
com seus filhos magríssimos à ilharga,
em mim referve a cólera e a piedade!

E afogo estas palavras rebeladas:
– homem, vai ser ladrão pelas estradas!
– mulher, vende a retalho a honestidade!

A SECA

Mário Linhares

Ceará. Pleno Sertão. Agosto. Um sol de brasa
queima impiedosa mente o ventre da floresta.
O ar, pesado, asfixia. O espaço nem uma asa
de ave corta. A adustão flores e frutos cresta.

Fuzila o dia. Em fúria, o vento, dentre a fresta
de abertas rochas, silva. À sede que o abrasa,
o touro escarva o chão e, ao mormaço da sesta,
a dor da planta à dor dos pássaros se casa.

Nenhum riacho a colear o amplo seio do bosque.
É ardente o sol, é seco o arbusto, é triste o prado;
E nenhuma hera ao tronco anoso há que se enrosque.

Calma. Pela esplanada, apenas, se ouve o pio
dos anuns e o mugir convulsivo do gado,
sob a cáustica luz desses dias de estio.

SECA NO CEARÁ

José Valdivino

À MEMÓRIA DE CRUZ FILHO

Há seca no Ceará. O sol refulge e cresta.
E a noite é treva, e o dia é ouro, e o poente é sangue.
No coração silente e manso da floresta,
Muge, com sede, a rês, abandonada e exangue.

A boiada acabou. Pelos ariscos, resta
Um ou outro animal. Foi-se a água do mangue.
A cacimba secou. Dos pássaros a festa
A fome emudeceu. Padece o sertão, langue.

Tempo de sofrimento! O acicate do sol,
Rijo, golpeia o chão e fere as serranias.
São acúleos de fogo as asas do arrebol.

Abrem, grandes, no campo, os juazeiros a fronde.
E o cearense interpela as nuvens erradias
Sobre a crua mudez do céu, que não responde.

TERRA DE SOL

Jáder de Carvalho

Dói na alma ver a seca no sertão:
toda a caatinga tem a cor da cinza;
a água do rio esconde-se na areia;
mugem as vacas dolorosamente.

As moças e os meninos (tão magrinhos!)
estão catando os últimos capulhos
do algodoal. Ele florara em junho,
mesmo com a rara chuva que o molhou.

Verdes, apenas os mandacarus,
os xiquexiques e os ásperos juazeiros:
verdes, mas defendidos, por espinhos!

Por sua vez, o homem também protege,
com a pouca fala e o rosto duro, a abelha
que lhe fabrica o mel no coração...

SONETO VACUM

A Eduardo Campos

Nos campos onde o negro se destaca,
antigamente o sino do cincerro
velava o entardecer junto da vaca,
olhos aflitos fitos no bezerro.

O lago escuro brilha como faca.
(Frio fulgor fatídico do ferro).
Um vento afoito e uma tristeza opaca
aumentam mais o enorme do desterro.

Anda agora um clamor pelas estradas.
Solerte é o sol. Presságios de negrume
dançam no ar. Qual lâmina insalubre,

O vento afoito atrita nas ossadas.
A vaca assoma à porta do curtume,
e o leite do luar pinga do ubre.

FRANCISCO CARVALHO

EMENTÁRIO

As secas de 1877 e 1915, respectivamente, pelas páginas do ***CEARENSE*** *e do* ***CORREIO DO CEARÁ.***

A SECA DE 1877 PELAS PÁGINAS DO CEARENSE

SECCA

A falta de chuvas já se vae fazendo sentir. De Sobral e de outros pontos creadores da província nos dizem que a secca já vae causando consideráveis estragos. E grande a mortalidade dos gados por falta absoluta de pastos. Se neo chover este mez sereo enormes os prejuízos.

6.1.1877

INVERNO

As notícias que vamos recebendo do interior são lisonjeiras a respeito das chuvas. De Sobral dizem-nos em 24 de janeiro: "Hontem, tivemos uma boa chuva; choveu quase toda a noite e hoje ainda amanheceu chovendo.
Ainda bem e graças a Deus.

Da Imperatriz, em 31 de janeiro: "O inverno por aqui quasi dez dias que deu principio e continua a mais. À falta d'elle os creadores tem tido grandes prejuízos."

8.2.1877

EFFEITOS DA SECCA

Começa a aparecer a miséria, consequencia necessária da terrivel secca que vamos atravessando. Na Telha já se vae sentindo os cruéis efeitos da fome. A camara municipal d'ali dirigiu-se a presidência pedindo socorros para o povo que pede pão! S. Exc. nomeou uma commissão composta do presidente daquella municipalidade, do vigário da freguesia, do delegado de policia e do capitão Nestor de Barros Lima, para agenciar socorros e donativos em favor dos desvalidos."

1.3.1877

CHUVAS

De alguns pontos vão nos chegando noticias mais animadoras. Nos sertões de Canindé e Quixeramobim tem chovido, assim como na Telha tem cahido boas chuvas. No Cariry o inverno é promettedor.

Do Saboeiro, dizem-nos em 20 do passado: "A Secca por aqui foi avassaladora, porém hoje começou o inverno.

Esta noute cahiu uma boa pancada d'agua."

Entretanto, de Sobral, nos escrevem o seguinte, em 20 do passado:

"Estamos na vespera de nova crise na industria de criação de gados. Há toda a probabilidade de uma secca. O sol tem estado abrasado como nunca, e a athmosphera limpida como nos mezes deverão. O pasto nascido nas primeiras chuvas já está reduzido a pó. Que calamidade para a nossa infeliz provincia!

8.3.1877

SECCA

O inverno este anno é todo topographico, como já dissemos. Tem chovido em alguns pontos e n'outros a secca

vae produzindo estragos. Do Crato, escrevem-nos o seguinte em 19 passado:

"Estamos com uma terrível secca em perspectiva, e só Deus sabe quanto nos será doloroso esse flagello."

De Santa Quiteria nos dizem no 1º do corrente:

"A secca por aqui está no seu furor, depois das poucas chuvas que cahiram do fim de janeiro a 2 de fevereiro." É uma coisa horrorosa, meu amigo, uma secca no Sertão!

... ...

Prasa a Deus que as chuvas que nestes 2 dias têm cahido nesta capital, tenham sido geraes.

11.3.1877

BANHOS FRIOS *(Anúncio)*

Asseio e regalo

Rua do Conde d'Eu.

Entrada pelo portão – que defronta o palácio do Governo.

21.3.1877

PARA JEJUM DE SEXTA-FEIRA *(Anúncio)*

O Novo Palhabote recebeu:

"Wermontts Blomens"

"Fresh Salmon"

"Idem cold"

"Real Finden Haddocks"

"Fresh Salmon"

"Scotch"

"Fresh Lochfine Herrings"

"Fres Lobsters".

Todas estas qualidades de peixe fabricadas por **John Gilloon & Cia.**

Alem destas marcas, há muitas outras qualidades, assim como Ervilhas, Queijos e um completo sortimento de estivas.

Ao **Novo Palhabote.**

29.3.1877

CHUVAS

Altura do pluviômetro na última quinzena de março:

Dias de chuva	**m.m**
16	1,00
17	4,00
De 17a 18	8,00
18	80
19	8,00
20	7,40
22	3,20
De 23 para 24	5,60
26	5,00
29	2,20
	45,20
Na primeira quinzena	38,80

Durante o mez, dias de chuvas 17; milímetros 84,00. Não há duvida de que o anno de 1877 será calamitoso para o Ceará.

1.4.1877

A SECCA (Editorial)

A secca não é mais objecto de conjectura, infelizmente para a nossa província. Por quase todo o sertão tem ella devastado a creação e agricultura de uma maneira atroz desanimadora. Algumas localidades, como Brejo Santo,

Telha e Inhamuns estão sofrendo os horrores da fome e desprovidas de água para os gastos da vida.

8.4.1877

A SECCA (Trecho de carta de leitor)

"Attingimos ao mez de abril, e o nosso solo pode apenas desenvolver os germens das forragens para os gados e dos cereaes para o sustento do homem. As poucas e leves chuvas ocorridas em varios pontos da província, do dia 18 a 21 do mez passado, fizeram germinar as sementes. Tenras folhas ainda surgiram à superfície da terra; mas toda a vegetação emurchece e está prestes a morrer".

15.4.1877

AINDA A SECCA

"Continuarão a ser desoladoras as noticias que sobre a secca nos chegão de todos os pontos da província. Mais cedo do que suponhamos ostenta-se a miséria no seio das populações e os recursos escasseiarão, ameaçando desaparecer completamente".

Carta de Sant'Anna:

"Vamos entrar no doloroso e lúgubre quadro que se pode imaginar, – a terrível secca que nos bate à porta. Não nos pode mais restar esperanças do inverno, porque os mezes mais abundantes de chuvas estão a concluir-se".

Carta de Pedra Branca:

"Estamos ameaçados da secca; a quantidade de povo que chega de fora é immensa. Aqui não ha nem viveres nem pasto. Esse povo sem pão, sem dinheiro, naturalmente lançará mão dos meios extremos. Deus nos acuda!"

18.4.1877

Carta pastoral. D. Luiz antônio dos santos, por mercê de deos e da santa fé, apostólica, bispo do ceará, prelado assistente do solio pontifício e do conselho de s.m. O imperador, etc, etc.

"...sem sahirmos do angulo das cousas naturaes, e ainda considerando as actuais circunstancias como phenomeno athmospherico muito natural e em perfeita harmonia com as leis que regem o nosso planeta; nem por isso nos devemos ter por dispensados de recorrer a Deus: pois Elle como autor da naturesa pode mudar essas mesmas leis, e dando outra direcçao aos ventos, fazer com que sejamos favorecidos com a desejada chuva, que venha fertilisar os campos, vivificar os rebanhos, animar o commercio e a todos encher de bem entendida alegria; pois o Espirito Santo isto nos aconselha: **Pedi ao Senhor chuvas na estação serodia e o Senhor fará cahir neve e vos dará a chuva em abundância."**

22.4.1877

SECCA

– De Aracaty nos escreve o nosso estimado amigo dr. Miguel Castro, em 20 do corrente: "Estamos a braços com uma secca, que será muito mais dannosa e fatal que a de 1845, em que, aliás, muita gente sucumbiu a fome".
26.4.1877

O CONSELHEIRO ALENCAR

(A propósito da secca)

"S. Exc., no meio de 7 deputados cearenses, alguns dos quaes a par do estado de cousas da provincia, disse, se não afirmou sem contestação – que as noticias, trans-

mittidas d'aqui para a corte, acerca do flagello que nos persegue actualmente, erão manejos de opposição ao governo, destituidas de fundamento e verdade, porque, quando mesmo não tivesse ainda chuvido, a falta de inverno só se fazia sentir de maio ou junho em diante".

3.5.1877

CHUVAS

"Felizmente appareceram as chuvas; si bem que pouco aproveita a lavoura, todavia servirão para fazer aguadas e salvar o gado que ainda resta De lo. a 5 do corrente temos tido chuvas regullares, atingindo o pluviômetro a 66,80 m.m. mais que todo o mez de abril, porem menos que o anno passado, nesse período, que o pluviômetro recolheu 145,80 m.m. No lº de maio, o anno passado, tivemos uma pancada d'água de 90,80 m.m. a maior daquelle anno. Cessaram as grandes ventanias. Parece que estas chuvas foram mais ou menos geraes, segundo noticias que nos vão chegando"

6.5.1877

SECCA – CARTAS

Sobral: – "A fortuna do gado vaccum e cavallar achase bastante reduzida, já e creio que o resto seguirá o mesmo caminho, uma vez que o unico recurso que nos resta é retirar para o Piauhy apenas o gado que não se acha de todo inanido, pouco, e este mesmo morrerá em região e pastagens desconhecidas, si é que não for comido pelos ladroes que vão se tornando de uma audacia fora do comum...

6.5.1877

CHUVAS

Do 1º do corrente até hontem tem cahido algumas chuvas nesta capital, porem pequenas. Eis a altura do pluviômetro:

Dias	**m.m.**
1	14,40
2	11,40
3	1,00
4	8,00
De 4 para 5	32,00
6	14,00
7	7,40
	88,40

Com tudo ainda não atingiu a altura do pluviômetro no 1º de maio ao anno passado, pois tivemos nesse dia, uma pancada d'agua que levou a 90 milímetro. Recomeçaram hontem as grandes ventanias.

10.5.1877

MELHORAMENTOS MATERIAES (Editorial)
(Construção de açudes)

"O maior benefício, portanto, que uma administração poderia fazer-nos seria dotar a provincia de centenas de açudes e aguadas públicas nos lugares menos favorecidos pela umidade. Esta idéia não é nova; e merecia ser inscrita nos programmas dos partidos militantes na provincia.

Foi o senador Alencar quem primeiro mostrou sua exequibilidade; e desde então os factos tem-se encarregado de provar que este patriota tinha razão em querer regar os sertões com águas acumuladas nos reservatórios artificiaes."

13.5.1877

METEOROLOGIA

Altura do pluviômetro na 1ª quinzena do corrente mez:

Dias de chuva	m.m.
1	14,40
2	11,40
3	1,00
4	8,00
De 4 para 5	32,00
6	14,00
9	7,40
12	3,00
	91,80

Nesse período, o anno passado, o pluviômetro recolheu 366,20 m.m.

17.5.1877

SECCA

Estão dissipadas todas as esperanças do inverno. Aquelles mais crédulos que ainda apellavam para maio acham-se completamente descrentes. A athmosphera continua límpida como no rigor do verão, uma ou outra vez apresenta-se carregada, porem a impetuosa ventania desfaz tudo em pouco tempo. O sol é abrasado e o calor intensíssimo."

20.5.1877

CORRESPONDÊNCIA DO INTERIOR – SECCA

Sobral, 14 de maio. – Não tem chovido, o sol é abrasador. O Aracaty-assú está quasi despovoado, crê-se que não escaparão uma só rez e nem um animal. Não há falta de farinha, e ainda há algum carne; faltam porem milho, fei-

jão e arroz. A emigração para a Serra Grande, Meruoca e Piauhy é extraordinaria; a Sobral tem chegado alguns emigrantes, os quaes vão sendo acometidos da febre amarella que já tem feito algumas poucas vitimas. Fome e peste; só nos falta a guerra para completar a triade a que está a humanidade sujeita pela nossa propria imprevidencia."

24.5.1877

AO LOUVRE (Anuncio)

PARA A SEMANA SANTA ROUPA FEITA

Palitó de alpaca de	3$000
Fraks de alpaca fina a	10$000 e 12$000
Sobres de pano fino a	18$000, 20$000 e 25$000

E completo sortimento de sedas pretas e artigos apropriados à Semana Santa.

27.5.1877

HORRORES DA SECCA

Prossegue na sua marcha sempre crescente e devastadora a grande calamidade, cujos effeitos vão se fazendo sentir em toda a provincia.

... ...

Uma carta de Lavras, que temos à vista, datada de 3 do corrente, descreve assim a triste situação d'aquelia comuna: "É consternador ver a multidão de homens e mulheres que sahem a procura de refugio onde se abriguem dos horrores da fome, que já vae, entretanto, fazendo victimas, em consequencia de alimentação de batatas e raizes venenosas de que o povo lança mão.

Aqui já se acabaram todas, até as raizes de gravatá, a carnaubeira, mucunan e a maniçoba brava; o povo tudo tem comido!"

27.5.1877

CORRESPONDÊNCIA DO INTERIOR SECCA

Telha, 18 de maio. – "Vamos na mesma miseria de chuvas; está tudo reduzido a nada, apesar das chuvinhas que tivemos no principio deste mez. A fome já vae fazendo estragos."

Icó, 16 de maio. – "É lugubre o quadro que se offerece à nossa contemplação n'esta cidade, ocasionado pela horrivel secca que a todos vae flagellando."

Arraial, 22. – "Continuamos a lutar com os horrores da secca. O povo vive na maior afflicão."

31.5.1877

METEOROLOGIA

Altura do pluviômetro na segunda quinzena de maio:

Dia	**m.m**
25	2,40
26	3,40
27	1,20
de 27 para 28	3,00
	10,00

Durante o mez: dias de chuvas, 12. 101,80 mm. Neste mez por tanto, este anno, uma differença para menos de 350,80 milímetros.

3.6.1877

TRABALHO E NÃO ESMOLA (Editorial)

O que convem as provincias flagelladas pela secca é o socorro destribuido pelos seus habitantes, de modo que o solo seja o primeiro a tirar proveito e adquirir armas para appolas às inclemencias climatericas. Neste caso, o trabalho será um meio e o melhoramento da provincia o fim dos socorros prestados pelo governo a particulares.

.....

E preciso que o sr. Dezembargador presidente se capacite de que o unico meio de reter a população em seus respectivos sitios, é dotar a provincia de seus melhoramentos é favorecer a abertura de açudes e depositos d'agua, principal agente fertilisador e conservador da lavoura.

7.6.1877

NOTICIÁRIO

Horrores da fome – No Ceará já morre gente de fome; E horrorosa a nossa situação. Alem das dolorosas noticias que hoje damos na secção – **Correspondencia do interior –** publicamos em seguida a seguinte descripção que nos faz o nosso amigo capitâío Salustio Tertuliano Bandeira Ferrer, do estado desgraçado do Saboeiro. Escreve-nos em 31 de maio:

"A desesperadora crise da secca vae cada vez mais em augmento, por todo este municipio, cuja populaçao vive em sobressaltos, e já muitos se acham em preparativos de emigrar para essa capital...

.....

Já morreram quatro crianças victimas da fome; e o povo não tem mais de que se sustentar, porque se esgota rao as raizes de mucunà e pau mocó..."

10.6.1877

METEOROLOGIA

Eis o resultado do pluviômetro no semestre de janeiro a junho

	m.m
Janeiro - 4 dias	24,20
Fev. – 3 dias	16,00
Març. – 17 dias	84,00
Abril – 10 dias	40,20
Maio – 12 dias	101,80
Junho – 9 dias	89,60
	355,80

No semestre de 18760 resultado foi o seguinte: 1.365,40 m.m.

1.7.1877

A SECCA DO CEARÁ E O GOVERNO IMPERIAL

O nosso distincto comprovinciano, major Capote, publicou na **Gazeta de Noticias** o seguinte artigo que o **Jornal do Commercio** não quis acceitar:

"Morre o povo a fome no Norte, o Imperador diverte-se em Pariz! Não ha um deputado, um senador que tenha a coragem de interpellar esse desgraçado governo, a bem de saber que seus suditos morrem a fome, quando elle banqueteia-se e diverte-se longe d'esse mesmo povo que com o suor lhe paga para bem manter suas prerrogativas e defensa!"

13.7.1877

CHUVA

Hontem tivemos um verdadeiro dia de inverno. Começou a chover às 4 horas da manha, prolongando-se

até às 2 da tarde. Durante o dia a athmosphera esteve sempre carregada; reinando completa calmaria. O pluviometro mediu 27,60 m.m. a terceira chuva do anno.

2.8.1877

HORRORES DA SECCA (editorial)

No Crato, segundo testemunha de um irmão do sr. Nicolau Arraes, que por lá acaba de passar, já pereceram a fome ou em consequencia della, 50 e tantas pessoas. Em Lavras segundo afirmou o colletor geral, o vigário e a comissão de socorros, 10 pessoas; no Araripe, segundo o testemunho do cidadão João Gualberto de Oliveira G., 2 pessoas; no Jardim, uma creança em presença da comissão de socorros;" etc, etc.

12.9.1877

CORRESPONDÊNCIA DO INTERIOR – SECCA

Assaré, 14 de agosto de 1877. Diz-nos d'ali uma pessoa circunspecta:

"O dinheiro fornecido pelo Exmo. presidente da provincia há quatro dias concluiu – e já o povo se acha em quasi completo desespero; ameaçam até de forçar as casas que tiverem farinha para d'ella munir-se e emigrar...

.....

Quixeramobim, 19 de setembro de 1877 – Uma carta do padre Salviano Pinto Brandão, vigário da freguesia, diz o seguinte:

"Si não houverem algumas chuvas que façam rebentar nova rama, vae perecer inteiramente o resto do gado vaccum e cavalíar e então havendo inverno em 1878, suponho que acharão dezerto o nosso Quixeramobim."

14.9.1877

CARROS PUXADOS A MÃO

Do Acaracú nos dizem o seguinte, em 8 do corrente. "Hoje chegarão da cidade de Sant'Anna, 72 homens puxando quatro carros para conduzir os generos que aqui se acham armazenados, para a comissão de socorros daquella cidade. Foi o único recurso de que lançarão mão, pois que carros com bois não há mais."

18.10.1877

ATENÇÃO (Anuncio) Tudo para a secca

A rroz, farinha e feijão
O vos, banha e toucinho
C afé, assucar, bolacha
A lho, sebola, cominho.
Milho, goma, mayzena
A mninha que vale apenas
R efresco sempre gelado
Ã dinheiro tudo em fim
O ra peta! que fiado

O CAMARÃO previne a seus fregueses que tragão sempre seus anzoes com iscas, do contrario não pescarão nada.

Alfredo Theophilo & Cia. 63 – Rua da Palma – 63

18.10.1877

HORRORES DA SECCA

O rvd. vigário de Aracaty-assú, nosso amigo padre José Silvino de Vasconcellos, escrevendo-nos em data de 4 do corrente, assim nos descreve o estado deploravel daquella freguesia:

"E verdade que tem vindo para aqui alguns socorros do governo porem em tão limitada quantidade que apenas

chegam para saciar a fome dos miseráveis por alguns dias. A primeira remessa já está concluída, a obra do açude começada, paralisada, o povo necessitado sem trabalho – portanto sem pão. Já almejamos pela segunda remessa em Sobral, para dali ser transportada em carros puxados a mão, como foi parte da primeira. E doloroso ver 20 homens atrelados a um carro carregado e transportarem-no na distancia de 11 léguas, por caminhos péssimos, porem taes são as nossas condições!"

28.10.1877

ARRAIAES DE IMIGRANTES

Vai muito adiantada a construção dos arraiaes mandados edificar na rua D. Pedro e cujas obras achão-se sob a direção do Sr. Tenente Felippe Sampaio. Estão já prontas e habitadas mais de cem casinhas e outras tantas provisoriamente cobertas a palha.

.....

– Sobre o morro do Coroatá está sendo também construído um outro abarracamento de palhoças para os retirantes, confiados à zelosa administração do nosso amigo João Sampaio.

11.11.1877

ESCRAVA FUGIDA (Anuncio)

No dia 14 do corrente fugiu a minha escrava Jacintha, idade 24 annos, altura regular, e cheia de corpo; o rosto seria regular se não fosse um pouco buxeixuda, cabelos crescidos e carapinhos, olhos grandes, nariz chato, boca regular, e beiços grossos, cor parda, talla descançada e grossa, hombros levantados e largos, pés apapagaiados, e

andar um pouco inclinado para a frente. E natural da Parahyba do Norte, e foi comprada ao Sr. Cândido Francisco Monteiro, do Icó. Atribue-se que o fim d'ella é passar como – **retirante** – por isso é provável que esteja nos arrabaldes d'esta cidade, ou como tal queira emigar para fora. Gratifica-se bem quem a pegar, ou dar noticia da referida escrava a Joaquim Felicio d'Oliveira Lima.

15.11.1877

A FOME FAZENDO VICTIMAS EM LAVRAS

Para os que ainda contestão que no Ceará já se morra literalmente de fome, damos abaixo a certidão passada pelo digno parocho da freguesia de Lavras, Rvd. Miceno, em trecho de uma carta de nosso distincto amigo capitão Manoel Carlos de Moraes, collector das rendas geraes d'ali.

Lavras, 30 de outubro – "Marchamos a passos agigantados para um abysmo. A nossa situação é horrorosa. Aqui a mortalidade pela fome já se eleva a 61! As mulheres é que conduzem os cadáveres à policia para dar sepultura aos mortos, porque o povo faminto e desesperado da vida não se quer prestar a isto! Só se vê nas ruas homens, mulheres e crianças, verdadeiros esqueletos ambulantes..."

25.11.1877

A SITUAÇÃO NO CEARÁ – Á SECCA

Continua a fazer victimas em vários pontos da provincia. As noticias do interior são assombrosas.

.....

Todo Cariry está conflagrado. Os bandos de assassinos assaltam as povoações, saqueiam e matam, ao passo que a fome vae fazendo dezenas de victimas diariamente.

3.12.1877

MORTALIDADE NA CAPITAL

Augmenta espantosamente a mortalidade nesta capital. Até hontem tinham sido sepultados 454 pessoas! Só no dia 14 registrou-se 44 óbitos e hontem 38!

Nessa progressão, eleva-se-há a mil a mortalidade neste mez.

16.1 2.1877

NOTICIÁRIO (Vários títulos)

HORRORES DA FOME!
FOME NA CAPITAL!
AINDA A FOME!
FOME EM ARRONCHES!
AINDA FOME EM ARRONCHES!
FOME NO TAMBORIL!
FOME NO ICO, etc.,

20.12.1877

TALHO DE CARNE DE CACHORRO E GATO

Do Crato, nos comunicam o seguinte o nosso amigo Fenelon B. da Cunha: "Em uma das villas próximas me referiu pessoa fidedigna que acha-se montado um talho para carne de cachorro e gato, tendo tão rápido consumo como se tratasse de outro qualquer objecto apropriado à alimentação."

15.3.1878

TRISTES EFEITOS DA SECCA

Em 19 do passado escrevem-nos do Crato: "Hontem erão os fructos silvestre, macahuba, a mucuna, o croatá, a macambira & que constituiam o principal alimentação dos desvalidos; após a casca e o caroço da manga, o bagaço da canna e outros taes imundícies..."

15.3.1878

MORTALIDADE DA CAPITAL

Do dia 1º a 1 5 do corrente faleceram nesta capital 1519 pessoas.

ANÚNCIO

ALBANO & IRMÃO vendem: arroz da índia, milho, feijão, farinha de trigo SSSF, passas novas, figos, soda americana, toucinho de Lisboa, manteiga franceza, manteiga inglesa, banha de porco em latas, banha de porco em barris, sardinhas, assucar refinado de lª., 2ª. e 3ª. sorte, idem, branco, em rama, lª. e 2ª. sorte, idem, mascavo, presuntos, vinho branco em ancoretas e barris, genebra da Hollanda, chá verde, chá preto, café, estearina, kerosene, sabão, azeite doce em latas, óleo de linhaça, alvaiade de zinca, cal de Lisboa.

28.6.1878

A SECA DE 1915 PELAS PÁGINAS DO *CORREIO DO CEARÁ*

DIVERSAS

"Se o inverno continuar como vai, pouco ou nenhum, teremos dentro em breve, dias amargos de infortúneo. Os lamentos que nos vêm do interior são os mais pungentes que se possam imaginar. Flora e Fauna sofrem impiedosos ataques do flagelo; o sol é de fogo. O luar é claro e limpo como se estivéssemos no clássico agosto. Só uma coisa ainda fornece margem a supormos que a desgraça não será completa: Deus, que é misericórdia e bondade."

4.3.1915

CHUVAS

"Do interior chegam-nos notícias promissoras, alvissareiras, se bem que tardias, de francos aguaceiros. Bemditas esperanças ressurgidas! Os campos amortecidos fremem, embebedam-se voluptuosamente de águas cálidas do céu como ressequidos estendais de árvores semimortas que são. O homem rude do sertão alivia-se da amarga opressão que lhe aperta o cérebro como vigorosas tenazes, apenas tarda a visita hibernal que, assim, rouba as poucas economias de um trabalho assíduo, intenso..."

12.3.1915

O CALOR

"Chegam-nos notícias de chuvas no interior. Um dos nossos companheiros ouviu de um cidadão, no **bond,** que apanhou três horas de aguaceiro no Baú. Antes assim. Mas o que não cessa em Fortaleza, é o calor estafante. Sua-se à ufa. A vida tem de correr. E é uma tortura. Mas, assim como veio a chuva, virá também tempo ameno. Esperamos."

12.3.1915

QUADRO SÓBRIO

"Notícias do Cariri dizem a que estado se acha reduzida aquela fértil região. Devastada por uma revolução que esgotou os seus grandes celeiros, reduziu à metade sua creação e sacrificou a safra do ano passado, vê-se agora na iminência de uma crise climática que, nas atuais condições, é um golpe de morte à sua proverbial prosperidade. Com as três chuvas caídas este ano, já não é possível contar-se com a colheita de cereais. As primeiras plantações estarreceram com a canícula de fevereiro e a falta de sementes impossibilita nova tentativa nesse sentido, mesmo na hipótese de reaparecer o inverno."

16.3.1915

SE NÃO FALHAR

"Se não falhar a experiência do sertanejo, quando afirmam que chuva no Piauí é prenúncio certo de inverno no Ceará, é o caso de darmos os mais calorosos parabéns. Vinte e dois municípios daquele Estado já receberam a preciosa visita das chuvas. O rio Parnaíba transbordou em todo o seu percurso, sinal de que a zona que lhe serve de vertente, acha-se em franca quadra invernosa."

19.3.1915

SECA! MISÉRIA!

"Tópico de um carta dirigida de Tauá a uma firma comercial desta praça: "Falemos agora da seca. E medonha e aterradora a situação deste sertão! Tivemos em 1 e 2 de fevereiro duas chuvas, já quando havia morrido metade do gado, que desde novembro se achava no trato. Estas duas chuvas foram suficientes para levantar pastagem, tendo já desaparecido por completo a **babugem** e a rama que saíra. Como sabe, não houve, no ano passado, legumes por este sertão, devido ao inverno, que foi curto, e à Revolução que deslocou a quase totalidade dos habitantes do sertão."

18.3.1915

A SECA – MISÉRIA INILUDÍVEL RESPEITOSA SUGESTÃO

Telegrama de comerciante de Crateús à Associação Comercial: "Crateús, 22: Comerciantes reunidos pedem vosso valioso concurso perante governo estadual, federal, sentido alteração sofrimentos oriundos terrível seca manifestada. Economias povo foram sacrificadas salvar pecuária atualmente já diminuída 60%. Restante abandonado credores falta recursos. Gêneros primeira necessidade absolutamente escassos atingem preços fabulosos. Levas retirantes famintos aglomeram-se, concentram-se aqui e

Ipú, vítimas extrema penúria, morrendo inanidos. Não havendo qualquer socorro, imediatamente, a fome em toda a sua hediondez, com seu tétrico cortejo de crimes, de furtos, ameaça aniquilar tudo, tudo, todos!!! Sugerimos continuação trabalhos estradas ou início urgente qualquer serviço público que possa minorar horrível situação. Qualquer indecisão, demora, terá sacrificação completa comércio perda inúmeros valiosas vidas nossos irmãos. Socorro! Socorro! (Assinam) Bezerra, Aragão, Francisco Mariano, etc., etc.

26.3.1915

ALVÍSSARAS

"Ante-ontem soubemos de chuvas copiosas em Água Verde, Guaiúba, Quixeramobim e Senador Pompeu; ontem; o distinto cavalheiro sr. Prisco Cruz teve a fineza de afirma-nos outro tanto em Canindé, donde recebeu despacho firmado por pessoa cuja seriedade, nem leve poremos dúvida; e ontem ainda a cidade de Fortaleza recebeu a visita de copioso aguaceiro que veio matar o calor exaustivo, deprimente, extenuante, quase mortífero dos dias. anteriores. Será o inverno, que, depois de negaças conturbadoras, após uma tardança cruel, vem, alfim, salvar os destroços da fortuna particular e pública do Ceará?"

30.3.1915

EM QUIXADÁ

"Em face da perspectiva da seca, que nos aflige, já é grande o êxodo de habitantes de outros municípios para esta cidade, que se encaminham à cata de abrigo no reservatório do Cedro. E como este recurso é limitado, pois até mesmo os terrenos de irrigações pertencentes a particulares foram cedidos, acha-se esta cidade na

contingência de assistir à morte de inanição a toda essa horda de necessitados."

30.3.1915

DE PREFERÊNCIA

"Pessoas observadoras e criteriosas que chegam do interior asseveram o seguinte aspecto dos campos do Ceará: a crise horrorosa em que nos debatemos não é geralmente oriunda de falta de reservas de águas mas da ausência de forragens para o gado e da tardia queda de chuvas. Por ai temos corno discutir a preferência de um dos mais judiciosos meios de trabalho honrado para o povo, entre a construção de estradas de ferro, de estradas de rodagem e de açudes. Não chegaremos à proterva de negar quanto valem os açudes, sabiamente distribuídos pelo interior do Estado, como não poremos em dúvida a grande e inestimável utilidade das estradas de rodagem. Seria isso e mínima noção das cousas tanto mais quando em toda parte esses elementos de vida, essas garantias do futuro, vão dando os mais belos e fecundos resultados. Parece-nos, entretanto, que o primeiro serviço a atacar seria a construção de estradas de ferro, quer em prolongamento, nas que já nos servem, quer em início de outras que entronquem com as existentes."

31.3.1915

A SECA – DE UMA CARTA DO INTERIOR:

"Aqui, apesar de ter caído ontem uma chuva de 30 milímetro, o povo já está desiludido inteiramente de inverno este ano. Diversas famílias já se retraram e muitas estão se preparando para fazer o mesmo. As plantações feitas nas poucas chuvas de janeiro, já não existem. Os gêneros alimentícios, já muitos raros, estão por um preço

elevadíssimo e o trabalho desapareceu completamente. À criação acha-se dizimada e o que é mais angustioso é que não se tem para quem apelar. Parece que será uma seca singular."

3.4.1915

CONTRASTE DOLOROSO

"E o que se está passando atualmente no Cariri. Chuvas abundantes, torrenciais mesmo, e a miséria, e a fome, invadindo os lares despovoando os campos. Após 50 dias de verão, aniquiladas as sementeiras de janeiro, ressequida pastagem nascente, quando já se tinha perdido toda a esperança, os céus inclementes se abrandam, numa cruel ironia, e despejam sobre aqueles campos adustos chuvas diluvionais."

"Contém-se no comércio dali, por esta tabela horrível, os preços do mercado::

Feijão (litro)	$600
Farinha (litro)	$200
Milho (litro)	$250
Rapadura (uma)	$500

Sem estes gêneros que formam a cozinha do pobre não é possível a vida"

7.4.1915

AS PROVIDÊNCIAS CONTRA A SECA

Telegrama de resposta à bancada cearense constituída dos deputados Eduardo Saboya, Moreira da Rocha, Tomaz Rodrigues, Eduardo Studart, José Lino, Álvaro Fernandes, Gustavo Barroso, Ozório de Paiva e Ildefonso Albano, informando-se da situação da seca no Ceará:

"Neste momento duras provações, terrível seca flagela Estado, vossa brilhante unificação traduz intuitos mais patrióticos alegra Ceará. Situação desesperadora, não há legumes nem pastagens. População sertanejas alimentam-se raízes silvestres demandam pontos servidos estrada de ferro. Reina desespero. Fome faz vítimas que morrem inanes margem estrada. Junho estará extinta pouca rama existente e creadores não encontrarão meios salvar pequenos rebanhos sobreviventes. Caminhos tornando-se intransitáveis falta d'agua, pastagens. Comercio quase reduzido exportação peles, importação cereais. Além medidas conhecíveis imprescindíveis como obras porto, serviços açudagem, impõe-se mais eficaz momento prolongamento estradas estaduais: Iguatu-Cariri; Crateús-Terezina; Girão-Crateús; e construção Uruburetama, etc., etc., "assinam: José Gentil, Maximiano Barbosa, Costa Freire, Fiuza Pequeno, Alfredo Salgado, etc., etc.

28.5.1915

A SECA

"A seca deste ano inicia-se assustadora e tudo leva a crer que será tão terrível como as grandes secas que têm martirizado este povo simples e imprevidente. Não há exemplo desde que se colhem observações pluviométricas, há cerca de 60 anos, de um mês de março mais seco do que o de 1915."

"O flagelo já devastou o gado, reduzindo a criação a cerca de 40%; em certos lugares, a oito, como em Canindé."

"Mais de 600 mil bovinos já pereceram de fome, representando aproximadamente o valor de 30 mil contos de réis."

Tomaz Pompeu Sobrinho, 9.6.1915

ENTREVISTA DO DR. THOMAZ POMPEU FILHO (Inspetor do Serviço de Veterinária, do 29 Distrito da Indústria Pastoril)

"– P: "Julga que a história cearense ainda não registrou um ano de tanta miséria... nem 77?

– R: "Não fora assim em 1877. Por esse tempo, segundo tenho lido, só em setembro se generalizou a fome. Em 1888, o gado conservou-se em boas condições até junho, começando a definhar em diante em proporções, aliás, relativamente pequenas."

– P: "E este ano?

– R: "Este ano, porém, a calamidade se inicia com desusada violência; já em janeiro morreu gado à falta de pastagens; em fins de maio, as perdas da criação computam-se acima de 70%, sendo, portanto, de prever nesta progressão, antes de agosto, seja fatal o seu aniquilamento."

11.6.1915

DR. ÁLVARO FERNANDES SEGUE EM TREM ESPECIAL

Despacho telegráfico do padre Climério Chaves, representante do **Correio do Ceará,** na excursão do dr. Álvaro Fernandes:

Senador Pompeu, 3: "Durante toda a viagem, vimos numerosos grupos de retirantes com trouxas à cabeça, baús, pobres trastes, em demanda das estações. Vimos homens, mulheres, crianças, marchando ao longo da estrada, cobertos de andrajos, alguns quase nús. Muitos, à vista do trem, paravam e punham-se a gritar por nós, pedindo esmola e socorro."

Iguatu, 3: "A estação e seus arredores estavam literalmente apinhados de Retirantes... "Na cidade' de Iguatu e em seus arredores, sobretudo em torno da Lagoa de Iguatu, já se acham mais de 3.000 retirantes..." . .."Já se contam numerosas mortes pela fome."

5.7.1915

GIGANTE PIGMEU

"Um pais que mendiga imigração estrangeira e deixa filhos seus morrerem, aos milhares, de fome, não é apto para se governar; é um povo incapaz, precisa de tutela, com dificuldade progredirá como possessão."

3.8.1915

UM TREM ESPECIAL

"Ontem, um trem especial trouxe dos centros de nossa terra, cerca de mil e duzentas vitimas da seca, no estado mais deplorável de miséria."

9.8.1915

OS RETIRANTES

"O nosso sertanejo não compreende que possa haver governo pobre, não entende governo sem dinheiro. Daí o êxodo que, em épocas calamitosas se estabelece do centro para a capital, aonde se encaminha em caravanas, o povo do interior, de que resulta em um acúmulo de população adventícia nas mais tristes condições, privada dos mais indispensáveis meios de subsistência."

16.8.1915

ENTREVISTA DE D. MANUEL DA SILVA GOMES (Ao jornal *O Comércio* de São Paulo a 22 de julho de 1915)

"...o Ceará necessita, por assim dizer, duma pequena seca todos os anos. No inverno, cobre a vastidão dos campos uma verdura magnifica que encanta a vista. E uma espécie de capim que o cearense chama panacéa (sic). Com a seca a que referi, esse capim seca, constituindo excelente alimento para o gado, que se torna sadio, bonito. Ora, uma chuva que caiu em agosto estragou completamente as pastagens, de maneira que sobrevindo agora, mais forte a seca, o gado

teve de sucumbir à fome. O Ceará é uma terra curiosissima. Há ali, na natureza, revelações que maravilham."

17.8.1915

Dr. ÁLVARO FERNANDES (Entrevista ao Jornal **Imparcial)**

"– E as populações do sertão que vivem, a míngua de recursos, como ainda se acham?"

"– Pela manha levantam-se com o sol os bandos esquálidos, e seguem sua diuturna jornada. Os homens vão à procura de trabalho, as mulheres e as crianças arrastando-se pelas charnecas à busca das raízes **agrestes.** Ora é a "macambira", uma bromélia, ora a medula do "xiquexique", um cactus, muito amiláceo, que constituem a sua nutrição."

19.8.1915

O ÊXODO

"Como não podiam comprar passagem na estrada de ferro, tomaram o trem à força, respondendo ao chefe de trem, que a isso se quis o povo, que não tinha dinheiro para o pagamento das passagens e lá não ficavam para morrer de fome."

21.8.1915

ASSALTO DE UM TREM EM SENADOR POMPEU

"aprisionaram otrem que veio ante-ontem de Iguatu"... "Não queriam violentar a ninguém, não eram malfeitores, disseram ao chefe do trem..." ..."Os outros retirantes que ficaram em S. Pompeu, chefiados por um Sr. João André, obrigaram um maquinista que por ali andava, a organizar um trem especial para eles. Este comboio da fome partiu ontem de Senador Pompeu, pernoitou em Cangati, devendo chegar hoje a esta cidade."

25.8.1915

NO CARIRI

"Aqui cerca de 8.000 famintos recebem socorros no valor superior a um conto de réis."

9.10.1915

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SITUAÇÃO DO CEARÁ

"A nossa açudagem nos desperta as mesmas idéias de tristeza e de desesperança. Começada em 1879 pelo engenheiro Revy, por ordem do Governo Imperial, não tem dado, até hoje, resultados apreciáveis em presença do que já podia dar. No decurso de 36 anos foram construídos dois reservatórios importantes: o do Quixadá e do Acaraú Mirim e outros de pequena capacidade como os de Saio Miguel, Riacho do Panta e Parara. Pequeninos pingos d'água na imensa área ressequida do Ceará, funcionando todos, à exceção do primeiro, como simples lagoas naturais sem que conste até agora haverem irrigado coisa nenhuma."

João Nogueira, 26.10.1915

UMA GRANDE DESGRAÇA SOBRE O IGUATU

"Acaba de secar a lagoa de Iguatu, vasto reservatório natural de águas fluviais, uma bacia de largo circuito, oferecendo à cultura do arroz centenas de hectares de terra fertilíssima."

26.10.1915

RETIRANTES NO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO "ALAGADIÇO"

Sitio do Cel. João Pontes:

Existem:	5.750	
Entraram:	172	– 5.922
Saíram:	12	
Baixaram a Santa Casa:	2	
Faleceram:	6	511
Existem:	5.411	

Para consumo dos retirantes:

Rezes:	14
Sacos de farinha:	33
Ditos de feijão:	5

29.10.1915

TELEGRAMA

Viçosa, 14 – "... chegaram avultados bandos de emigrantes devorando palmitos, **macaubeiras** é mangas verdes, únicas frutas efetivamente existentes."

15.12.1915

CHUVAS NO INTERIOR

Dia 10 – Barbalha:	9,6
Dia 12 – Barbalha:	10,0
Tauá:	21,3
Arneiroz:	30,5
Jardim:	38,3

Choveu nos dias 13, em Saboeiro, Barbalha, Juazeiro, Caridade, Jardim, Tauá, Arneiroz, Milagres, Missão Velha;

no dia 14, em Viçosa, Sant'Ana do Cariri (100 milímetros), Barbalha, Saboeiro, Assaré, Jardim, Sobral, lguatú, Icó, Arneiroz, e aí, o rio corria. Dia 15, em Guaramiranga."

15.12.1915

A FOME FAZ VÍTIMAS EM IGUATU

"Iguatu, 8 – Terribilíssima a situação em que nos encontramos. Depois do inicio dos trabalhos de prolongamento da estrada de ferro de Baturité com pequeno número de pessoas, todos os flagelados das localidades do nosso Estado e dos Estados limítrofes encaminham-se para esta cidade"...

"Daqui ao Cedro cerca de 50 mil pessoas estão condenadas a morrer de fome. Ontem, aqui, morreram 9 de inanição. Comunicam da Serra Malhada Grande e do Cedro que estão morrendo às dezenas." Telegrama enviado por Virgílio Correia, Arruda & Cia., Lima Verde & Irmão, José Gladstone, Alencar Benevides, Pasquelli Stopelli, etc.

DISCURSO DO DR. ÁLVARO FERNANDES

Na sua estréia parlamentar, como deputado, ao referir a resultados de uma barragem: "Em toda a sua extensão, cada **ravina** serpeará dous vergais prados artificiais subsidiários às granjas pastoris, celeiros vivazes da pecuária, soerguida, liberta do abastardamento e da hibridação a que **absurdos processós** conduzem as raças degeneradas."...

"Boas razões tinha Capanema para afirmar que a seca não é propriamente um mal. Os inumeráveis vegetais e animais que morrem durante a calamidade decompõem-se e se incorporam à camada umífera do solo. A seca é, assim, para nós, o adubo natural, fertilizante, periódico, permitindo além disso, pelo repouso do meio dinâmico, o

incremento da força reprodutora, que se acumula nos seres vivos e na química da terra."

29.12.1915

DR. ÁLVARO FERNANDES (Trecho final de seu discurso de estréia)

"Daqui, deste recinto, eu estou a ouvir lamentos dos torturados naquela torre de Hogolino, torre de fome, onde a natureza gera e a natureza devora; estou a ouvir os vagidos desse peregrino do céu que vem a ser anjo, na terra, das crianças inanidas, aconchegadas aos regaços esquálidos, onde só o amor resiste à destruição da Pária, passando por sobre um povo que morre, eu pressinto o vôo sinistro das nuvens céleres, como um bando de águias apocalípticas, repetindo em coro macabro: "vai, vai, vai – ai, ai, ai" (Muito bem! muito bem! Ó orador é vivamente cumprimentado e abraçado)."

30.12.1915

CARTA DE JOÃO BRÍGIDO

Dia 11 de janeiro de 1916, em carta ao dr. Herminio Barroso, D. Secretário do Interior, que o convidava para comparecer à reunião política no palacete da Assembléia, João erigido respondeu: "Continuar a luta dos partidos parece Uma afronta a piedade do pais..." "só no mês precedente, no cemitério desta capital, foram sepultados 906 dos nossos irmãos, e no período do ano fatalíssimo, 3.264; isto, de par com um a emigração que, ascende a mais de 30 mil pessoas."

11.1.1916

INVERNO (Anúncio)

"A CASA BAYMA acaba de receber um completo sortimento de galochas para homens, senhoras e crianças. E tudo que há de bom e sólido no gênero."

ÓBITOS DO ANO SECO

Registro de óbitos do ano de 1915:

27.1.1916

Meses	adultos	Párvulos	Total
Janeiro	86	65	151
Fevereiro	70	71	141
Março	74	156	230
Abril	81	82	163
Maio	74	74	148
Junho	73	78	151
Julho	69	60	129
Agosto	87	101	188
Setembro	92	136	228
Outubro	104	251	355
Novembro	129	345	474
Dezembro	216	690	906
TOTAIS	1.155	2.109	3.264

13.1.1916

ANUNCIO DE PIANO

Piano Dorner, "sonoro como os acordes de um hino de vitória francesa"

16.2.1916

LEILÕES DO MÊS DE FEVEREIRO

O leiloeiro José Bastos anuncia leilão de objetos "de família que retira-se para o sul da República..." constando de: 1 grupo de mobília austríaca (1 sofá e 6 cadeiras, 1 estante de cedro para livros com respectiva banca, porta-chapéus, guarda-louça (de cedro) etc. Em outras oportunidades: consolo à Luiz XV, guarda-louça "art-noveau", piano "Bechstein", "toillete" sistema americano,

com mármore de cristal; cabide húngaro; porcelana de Limóges para jantar; gramofone Victor n. 2, com 60 discos; escarradeiras, cantoneiras austríacas, máquinas de costurar "Singer" e New-Home".

16.2.1916

INEDITORIAIS

"Em setembro do ano passado apareceu em minha fazenda Poço do Gado, do Termo de Boa-Viagem, um boi manso do ferro seguinte: A.P. Mandei tratá-lo, pagando por conta do seu dono as despesas, na intenção de comprá-lo. O dito boi já está gordo, mas até agora ignoro quem seja o seu dono. Faço público, portanto, o fato, para conhecimento do interessado. Poço do Gado, 12 de fevereiro de 1916. Antônio Cyrillo Verçosa Lima."

18.2.1916

NOTICIA

"**Perdem-se** plantações no Cariri, onde se come **mucunã**"

28.2.1916

OBRAS CONTRA AS SECAS

"Há 8 ou 10 açude em construção com a verba de "socorro". De que tem servido?"... "Os jornais acusam irregularidades em algumas delas ... O Sr. Aarão Reis "aqui andou, dizem, que com direito a uma ajuda de custo no valor de "dez contos de réis líquidos", fora ordenados seus e de um secretário (seu filho!) e fora passagens e demais espaventos..."

"Esse sr. Aarão é o mesmo que, indo ao Quixadá, em companhia do presidente Afonso Pena, declarou em presença do ilustre engenheiro Piquet Carneiro: "O açude do Quixadá, mesmo cheio com os 125 milhões que podia Conter, de nada valia, porque o que não fosse gasto em

irrigação no primeiro ano, seria perdido em evaporação." E a razão disso era: "só pode haver irrigação "onde" houvesse cursos perenes".

7.3.1916

POBRE CEARÁ

"Ontem, embarcaram no "Sírio", para o norte, mil, quinhentos e sessenta "retirantes".

9.3.191 6

INFORMAÇÕES

"Chuvas: caídas de ante-ontem para ontem, nas estações da Estrada de Ferro de Baturité: Acarape, Aracoiaba, Floriano Peixoto Girão, Afonso Rena, Saio José, Sussuarana. 1h30min, Iguatu.

14.3.1916

CARTA AO CORREIO DO CEARÁ

A situação em Juazeiro do Norte: "Mais de duas mil casas fechadas; dez mil habitantes (sic) haviam morrido de fome e epidemias; o comércio está quase paralizado."

7.4.1916

ANÚNCIO

(COMESTÍVEIS VENDIDOS EM FORTALEZA)

A Cooperativa Cearense – "grande casa de comestíveis de primeira ordem, propriedade de Puno Campos, instalada na rua Marechal Floriano Peixoto, 136, vende: presuntos ingleses de 7, 8, 9 e 10 lbs; bacon, toucinho inglês; queijos Paímyra e Dinamarquês; passa "Choix", em caixinhas de 1 quilo, aspargos americanos e alemães; azeitonas espanholas, vinagre francês, "paté de foie Gras" "Amieux", vinhos do Rheno e franceses das marcas: "Macon", "Chablis", "Medoc".

5.6.1916

A FACE CRUEL DA SECA
Iconografia

Flagelados da seca de 1915, na estação do trem, em Iguatu. Do livro *O secular problema do Nordeste*, de Ildefonso Albano, 1918.

Salustiano Alves Bezerra, sua mulher, cinco filhos, cunhada e sogro, Antônio Moreira, de Pedra Branca. Caminharam 240 quilômetros, em 4 meses. Seca do 15. (idem, foto daquela o.c.)

Terrível erosão provocada no ser humano, por ocasião da Seca do 15: filho enfermo amparado pelo pai, cansado de tanto caminhar (o.c.)

Os esqueletos que vivem: Maria...

... Ana, de 5 anos de idade.

Ao lado Umbelina do Nascimento acalentando sua filhinha Celeste, doente.

O marido era agricultor. Vendeu suas terras por qualquer dinheiro, que era preciso migrar. Morreu de diarréia, juntamente com dois filhos e mais uma filha e um neto. (Ibidem, o.c.)

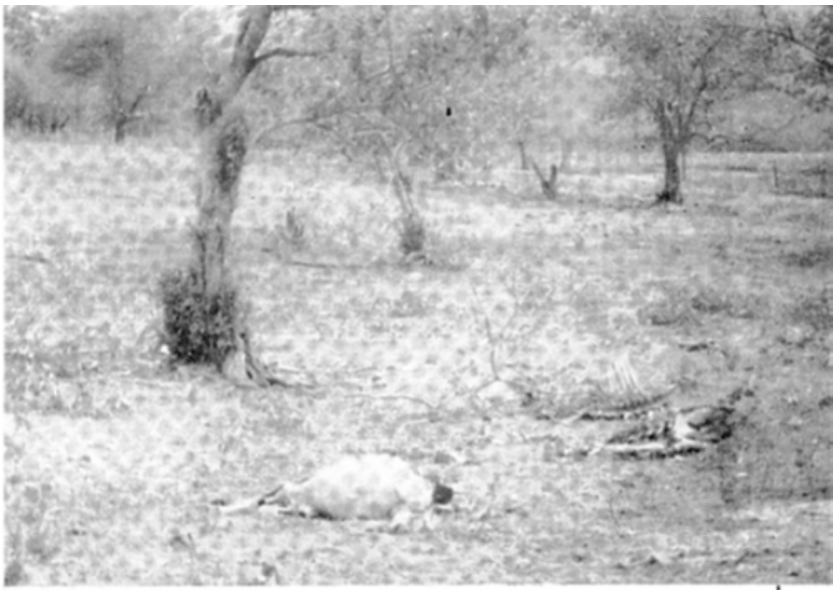
Mãe e filhos deixando o lar, à procura do desconhecido. Seca de 1952. (Foto de Geraldo Oliveira).

Flagelados abrindo estradas. (Em Russas, Ceará, 1952). Por elas caminharão depois para o infortúnio. (Foto de Geraldo Oliveira)

A insolidária refeição da seca dos tempos modernos: o prato de feijão. (Foto de Geraldo Oliveira)

Sertanejos, numa frente de trabalho, ouvem instruções quanto ao trabalho a ser executado sob o sol inclemente (Foto de Geraldo Oliveira)

A paisagem de seca atual: em 1979, Uruquê. (Foto de Eduardo Campos)



A safra da morte, chamada seca de 1979. Flagrante do gado sucumbido na Fazenda Umari, Uruquê, Ceará. (Foto de Eduardo Campos)

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Gustavo - **Terra de Sol.** Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BRAGA, Renato - **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

CARVALHO, Rodrigues - **Cancioneiro do Norte.** Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1967.

CASCUDO, Luís da Câmara - **Vaqueiros e Cantadores** Porto Alegre, Editora Globo, 1939.

CEARENSE - Fortaleza, 1877.

CORREIO DO CEARÁ - Fortaleza, 1915.

CURTIUS, Ernest Robert - **Literatura Européia e Idade Média Latina.** Rio de Janeiro, MEC - Instituto Nacional do Livro, 1957.

GIRÃO, Raimundo - **Palestina, uma Agulha e as Saudades.** Fortaleza, Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1972.

GUERRA, Phelippe e GUERRA, Theophilo - **Secas contra a Seca.** Rio de Janeiro, Tipografia da Lavraria Cruz, 1909.

LIMA, Herman - **Poeira do Tempo.** (citando Gustavo Barroso). Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1967.

MACEDO, Nertan - **O Clã dos Inhamuns.** Fortaleza, Editora Comédia Cearense, 1965.

MACEDO, M. A. - **Observasons Sobre as Seccas do Ceara e Meios de Augmentar o Volume das Águas nos Correntes**. Sttugart, Typographia Emil Muller, 1871.

MAGALHÃES, Josa - **Previsões Folclóricas das Secas e dos Invernos no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

MÉDICI, Presidente. Discurso, Recife, 1970.

SOBRINHO, Thomaz Pompeu – artigos in Correio do Ceará. Fortaleza, 1915.

SUDEC – "A Unidade Espacial de Planejamento do Cariri". Fortaleza, 1972.